



ESCOTISMO EDUCAÇÃO PARA A VIDA.

Chefe Osvaldo

A Patrulha da Esperança



Para o meu amigo Carlos Kohl, hoje morando nas estrelas e que sempre se sacrificou lendo meus artigos. Saudades... Muitas saudades!

Prólogo



Difícil escrever uma história tendo que se preocupar com todas as personagens.

Como falar de cinco jovens, desde sua infância até o último dia de suas vidas?

Tentei. Não sei se consegui. Desculpem as falhas, pois foi à primeira vez. Não sei se este pequeno saltério irá agradar. Foram 54 páginas escritas com o melhor que sei fazer. Já estou no meu sexto livro. Enquanto tiver forças irei continuar.

Nada é melhor que escrever sobre uma patrulha. Repeteco? Não. Desta vez a história sai do escotismo e entra na vida real e pessoal.

Espero que apreciem. A Patrulha da Esperança foi o primeiro livro. Orgulho-me muito dele. Não dizem que o primeiro tem um gostinho de quero mais?

Meu muito obrigado pela honra em me darem este privilégio de ler esta história.

Oswaldo um escoteiro

Uma apresentação das personagens desta história

- Alcione, a Monitora, doze anos, um sorriso franco, cabelos loiros lisos, magra, sorriso franco e aos doze anos já se mostrava como uma líder. Seus pais a amavam faziam tudo por ela. Sua vida escoteira a transformou em uma grande mulher.

- Gloria, a Sub Monitora, doze anos, não sorria muito, olhos negros profundos como a perguntar ao mundo o que estava acontecendo, cabelos negros encaracolados, cor morena, seus pais a deixavam mais na casa de sua avó.

- Laura, a intendente, onze anos, ia fazer doze daí a dois meses. Gordinha, mas com muita agilidade. Cabelo castanho, inteligente, sabia de tudo, resolvia todos os nossos problemas. Só tinha a mãe, seu pai sumiu e nunca mais ninguém ouviu falar dele.

- Milena, voz de ouro, gostava de cantar, se tornou grande cantora quando ficou adulta. Doze anos, bonita, um sorriso cativante, falava pouco, olhos azuis, cabelos encaracolados negros, os pais sempre a entusiasmaram para se apresentar em publico em shows e competições musicais.

- Sabrina, ah! Sabrina. Ninguém a esqueceria jamais. Sempre no telefone, sempre mantendo contato em qualquer dia da semana. A chamavam de a “espevitada” era a escriba da patrulha. Mantinha todos os livros de ata e livros da patrulha em dia. Cabelo curto loiro, magrinha, não era lindo. Uma simpatia

marcante. Doze anos, sua mãe fora vice-prefeita da cidade. Seu pai um homem de muitas posses.

- Verônica, saudades, ficou pouco tempo com todas elas. Morreu nova aos dezoito anos de Leucemia morreu sorrindo com o uniforme escoteiro. Ninguém esqueceu aquele dia. Onze anos, cabelos negros curtos, cor negra, um rosto encantador. Ficou no escotismo até passar para pioneira quando veio a falecer.

Um dia a maioria de nós irá se separar. Sentiremos saudades de todas as conversas jogadas fora, as descobertas que fizemos dos sonhos que tivemos dos tantos risos e momentos que compartilhamos...

EM ALGUM LUGAR DO PRESENTE - CAPÍTULO I

Márcia tinha acabado de chegar com seus dois filhos e Lambert não veio. Era sempre assim, Alcione conhecia bem sua filha e seu marido. Claro, ele viria mais tarde, chegaria bêbado, não aprontaria, pois iria dormir dois dias seguidos. Toda virada de ano era assim. Alcione estava cansada, alegre sim, era o melhor dia do ano para ela. O dia tão esperando o ano todo. Encontrar a Patrulha da Esperança. Uma promessa que nunca fora quebrada. Um juramento feito a sessenta e cinco anos atrás. Nunca iriam se separar.

Alcione olhava-se no espelho. Rugas, cabelos brancos, olhos fundos, quem sabe um semblante de uma vitoriosa. Nestor morrera quando os filhos eram pequeninos e ela lutou para criar e formar aquela família. Sempre disse a se mesma que o escotismo lhe deu tudo. Força, coragem e abnegação. Se não fosse isso teria desistido. Há momentos na vida em que sentimos uma dor profunda, a falta de alguém que mais queremos, mas cada dia é um dia e hoje Alcione se olhava com seu uniforme cinza, seu lenço vermelho e branco,

procurando aqui e ali um ponto mal passado, uma parte do lenço mal dobrada... A cada peça vista, sentia seu passado voltar.

Os meninos corriam pela casa. Belos seus sorrisos. Ela gostava disso. Eram sempre assim, a casa era deles. Que fizessem o que quisessem. Alcione sabia que não iria se importar, pois quando eles se fossem, sua casa voltaria novamente para aquele silêncio aterrador. Morava sozinha. Silêncio que machuca que dói. Mas hoje não, hoje eles estavam ali com seus folguedos intermináveis e Alcione sabia que nada importava quando seus folguedos tiravam os moveis de lugar ou mesmo alguma peça quebra. Hoje a casa pertencia deles!

Os pensamentos de Alcione se misturavam com o passado e o presente. Quanto tempo! Gostosas lembranças das amigas que hoje vão se encontrar. Tantos chefes ela conheceu. Alcione não se lembrava de todos, mas nenhum deles nunca recusou entregar a chave da sede para a reunião da Patrulha da Esperança. Sempre fora assim. Não havia convidados. Não podia haver. Era o encontro delas e mais ninguém.

Oliver chegou com seus três filhos e Matilde sua esposa. Abraços, beijos, presentes. A rotina de sempre. Alcione amava o filho e sempre sentia feliz com sua presença. Agora sua mente estava voltada para a reunião. Podem rir, mas ela começava impreterivelmente as vinte e três horas e cinquenta minutos. Abriam a sede e lá dentro ainda no escuro... Não vamos falar disso agora.

Já tinham chegados todos com exceção de Lambert. Devia estar em alguma casa de jogo bebendo e gastando o que não tinha. Alcione nunca simpatizou com ele, mas sua filha dizia que o amava apesar de tudo. Viemos neste mundo com um objetivo, temos de passar por ele e não ele passar por nós. Assim Alcione o aceitava. Não era mais hora para discutir. Se ela queria que fosse assim que assim fosse.

Dez horas da noite. Alcione zanzava aqui e ali para deixar seus filhos noras, genros e netos à vontade. Eles sempre a visitavam. Três ou quatro vezes ao ano. Não se sentia só. Nunca achou que sua vida era feita de solidão. Não sabia o porquê não colaborava no Grupo Escoteiro. Nada contra ninguém. Todos eram muito simpáticos, mas não tinha aquele "eu", como dizia alguns, não fora picada pelo mosquito escoteiro quando adulta.

Não iria correr. Não precisava. Saindo às onze e quarenta da noite chegaria a tempo. Iria a pé, era perto. Não mais que dez minutos. Olhou sua neta vendo TV. Uma mocinha encantadora. Doze anos, linda, uma boneca para ela até hoje. Saudosas lembranças do tempo que sua filha morou com ela. Praticamente a criou. Adorava todos os netos. Mas Nininha era especial.

Foi até a janela da sala. A rua estava movimentada. Muitas pessoas indo e vindo. Ainda faltam alguns dias para o natal, mas cada um procurava uma maneira gentil de dizer aos vizinhos – Olhe eu estou aqui! Quero-lhe bem! Gostava do bairro. Pelo menos Nestor lhe deixara essa herança. Teve medo da vida quando ele se foi. Mas a enfrentou. Umas pequenas economias, uma bomboniere, uns docinhos feitos por ela com um sabor especial, e tudo cresceu. Agora tinha mais de vinte funcionários. Enviavam doces para todo o estado.

Conheceu Nestor quando ia passar para pioneira. Ele não participava. Fora inflexível. Ou os escoteiros ou eu. Radical. Mas Alcione o amava. Mais que tudo. Fora sua primeira e única paixão de sua vida. Paixão não amor. O escotismo tinha seu amor. Casaram-se logo. Ela já estava grávida. Oliver nasceu seis meses depois. Nestor não foi um mau marido. Não. Não a enchia de mimos, mas era um amante que sempre desejou. Apesar de não saber o que deveria ser um amante perfeito. Risos.

Nunca mais voltou ao escotismo. Mas uma semana antes do natal lá estava ela no grande encontro anual da Patrulha da Esperança. Nestor a principio não reclamou. Depois resmungou e um belo dia a proibiu. Ela riu. Você pode fazer o que quiser, até tirar minha vida, mas nunca, nunca mesmo e é bom que saiba deixarei de estar presente neste encontro. Nunca mais ele disse nada. Morreu em uma tarde bolorenta de setembro. Vieram avisar que tinha batido o carro. Só ele morrerá. Oliver sobreviverá.

Todos os amigos lhe prestaram solidariedade. Sua mãe ainda viva lhe chamou para morar com ela. Recusou. Queria ter sua própria casa. Sua própria vida. Sua própria liberdade. Fora muito difícil no inicio, mas agora era uma vencedora. Sua vida, seu destino, sua liberdade conseguida através de muito trabalho era só dela. Não devia nada a ninguém. A não ser o dever de mãe e de Avó.

Sua mente sem perceber voltou para Verônica. Porque morreu? Sempre se perguntava quando se aproximava o dia do encontro da Patrulha da Esperança. Não tinha certeza de nada, mas acreditava em outra vida. Tinha de acreditar. A reunião da Patrulha afirmava isso. Não poderia tudo acabar quando se fosse. Afinal tantas alegrias, tantas tristezas, tantas voltas tentando acertar um caminho para o sucesso. Para tudo terminar assim abruptamente?

Onze e quarenta. Hora de ir. Até mais tarde, disse para todos. Seus filhos nora e genro sempre sorriam quando ela dizia assim. Já conheciam a rotina. Os netos não. Não entendiam. Alguns queriam ir com a Vovó. Ela sorria para todos. Amanhã, amanhã vamos tomar sorvete. Ela era assim. Alegre com eles, alegre com os filhos e nunca ninguém a viu chorar. Sim chorava, mas escondida. Afinal não era humana? É o escotismo lhe deu tanto na vida que pensou que se não tivesse sido uma escoteira nunca poderia enfrentar as nuances que lhe apareceram em sua vida.

Na rua uma lufada de vento frio lhe acariciou o rosto. Esticou as mangas da blusa, Estava com a saia cinza do uniforme. Não gostava da calça comprida. Encontrou alguns vizinhos, não deu prosa, não dava. O tempo estava marcado. Sabia que devia chegar na hora. Nem um minuto mais nem um minuto menos. Era um espetáculo a parte a chegada das cinco. Todas chegando à mesma hora. Um sorriso, abraços, aperto de mão esquerda. Forte. Como haviam aprendido. Afinal não se dizia que só os valentes entre os valentes se saúdam com a mão esquerda?

A saudade vai apertar bem dentro do peito. Vai dar uma vontade de ligar, ouvir aquelas vozes novamente... Quando o nosso grupo estiver incompleto... Reuniremo-nos para um último adeus de uma amiga. E entre lágrimas nos abraçaremos...

EM ALGUM LUGAR DO PASSADO - CAPÍTULO II

Não sei como fui parar ali. Nunca tinha visto os escoteiros. Nunca pedi aos meus pais para ser um deles. Mas lá estava eu, olhando uma turma correndo pelo pátio, com alguém com um bastão na mão e nele um totem ou algum parecido. Não estava entendendo nada. Era sim, uma anarquia organizada. Risos. Parecia que eles se divertiam bastante. Mas não havia meninas. Só meninos. O que pretendia meu pai ao me levar ali?

Um homem que se apresentou como Chefe Juliano sorriu para mim e meu pai. Agradeceu a ele por ter aceitado o convite. Convite? Que convite? Melhor esperar. Meu pai era meu melhor amigo, mas não me disse nada. Logo chegaram outros pais com outras filhas. Eram seis. Não conhecia nenhuma delas. Pareciam simpáticas, mas estavam taciturnas, como se estivessem perguntando como eu o que faziam ali. Ri baixinho. Nossos pais estavam aprontando algum conosco.

Fomos para uma sala da sede. Era pequena. Sala pequena mesmo, mal cabia todos nós. Chefe Juliano sempre sorrindo nos convidou para uma brincadeira. Que brincadeira? Simples disse. Vamos nos conhecer. Meu nome é ninguém, mas podem me chamar de... Rimos. Não sabíamos o nome de ninguém. Ele pediu que cada uma fosse ao ouvido da outra e dissesse seu nome rápido. Foi fácil. Não memorizamos na hora, mas quando o jogo começou aprendemos logo. Alguém se levantava e dizia: - Amigas, meu nome é ninguém, mas o seu é Laura? E Laura respondia, sim, mas meu nome é ninguém, mas o seu é Milena? Fácil. Rimos muito. Já começava a gostar do chefe Juliano.

Terminamos o jogo. Agora sabíamos o nome de todas. Eu Alcione, Gloria, Laura, Milena, Sabrina e Verônica. Comecei a achar elas bem simpáticas. Nossos pais saíram. Ficamos sós nós seis e o chefe Juliano. Ele nos explicou o porquê estávamos ali. Nossos pais o conheciam. O Movimento Escoteiro ainda não tinha a participação feminina. Chefe Juliano queria fazer uma experiência. Com meninas. (não nos chamava nunca de meninas, só jovens). Seria uma experiência inédita. Seríamos só seis. Se desse certo seriam abertos vagas para outras jovens irmãs de escoteiros ou não.

Perguntou-nos o que achávamos. Ficamos em dúvida o que dizer. Finalmente dissemos sim. Somente Verônica não disse nada. Ela não tinha muita agilidade para correr e tinha medo. Chefe Juliano mostrou a ela as vantagens do escotismo. Ela não era obrigada a correr, e claro, seriam desenvolvidas atividades mais calmas e ela poderia quem sabe até sobressair-se. Cada uma de nós começou a bombardeá-lo com uma série de perguntas. Ele gentil e simpático respondeu todas. Aceitamos. Porque não? Se em três meses não gostássemos sairíamos e ninguém iria nos impedir.

Cada uma de nós fez um estágio de cinco reuniões nas patrulhas dos escoteiros. Eles nos receberam com reserva. Não gostaram muito. Mas como era por pouco tempo aceitaram. Fiquei na Patrulha Lobo. Não fiz muitas amizades com os patrulheiros. Aprendi em cinco reuniões que a união faz a força. Quando terminava a reunião eu corria a chamar as outras meninas. Sentávamos na porta da sede e conversávamos por longas horas. Cada uma já conhecia a vida da outra. Liguei-me mais em Laura, não sei por quê. Acho que por estudarmos no mesmo colégio.

Chegou o grande dia. Chefe Juliano nos apresentou a chefe Roberta. Uma senhora de uns trinta anos, bem simpática. Disse-nos que fora Bandeirante por muitos anos, mas estava afastada do movimento. Não sabíamos o que era Bandeirante. Ela nos explicou. Disse que seria à nossa chefe. Não podíamos ainda ter uma tropa completa feminina. Iríamos participar com a tropa dos escoteiros, mas teríamos nossa própria patrulha. Chefe Juliano pediu para nos reunirmos durante a semana em casa de alguma de nós e decidir o nome da patrulha, o grito e o lema.

Assim o fizemos. Na reunião seguinte ele nos perguntou o nome. PATRULHA DA ESPERANÇA! Dissemos. Ele riu e disse que não podia. Tinha de ser de algum animal, pássaro ou peixe. Não abrimos mão. Estava escolhido. Não iria haver outro. Ele pensou, conversou com a Chefe Roberta e enfim concordou. Se nós queríamos assim que assim seria. Um verdadeiro Escoteiro o Chefe Juliano. Para ele era ponto de honra aceitar opiniões e apoiá-las. Não nos perguntou o grito e o lema, mas devia saber que seríamos unidas até os fins de nossas vidas.

Na primeira reunião da tropa fomos apresentadas a todos. Humm! Não sei não! Acho que não vai dar certo foi o que ouvimos por alguns escoteiros das patrulhas. Mas o assunto já havia sido discutido pela Corte de Honra. Com reservas aceitaram. Agora eram cinco patrulhas em vez de quatro. Mas eles acharam que seríamos um ‘trambolho’ e atrapalhar os jogos e acampamentos. Deixem que pensem assim falamos entre nós. Vamos provar quem somos.

As reuniões ficaram mais divertidas. Os escoteiros querendo ganhar todas e nos não deixando. Era uma disputa sadia, alegre e muitas vezes quando vencíamos, eles pulavam, jogavam seus chapéus para cima e gritavam – Bravôo. A primeira excursão foi mal. A mãe de Laura e Milena fizeram uns bifés com pão e os bifés estragaram-se. Comeram sem saber e ainda ofereceram a mim e Gloria. Foi à conta. Uma dor terrível. Cólicas, tiveram que nos levar para casa correndo. Na reunião seguinte, a tropa inventou um novo grito – Dizia – Quem pode, pode. Quem não pode se contorce! Patrulha? Esperança! Claro, levamos tudo numa boa.

Mas tudo mudou na outra atividade aventureira. Saímos no sábado pela manhã. Primeiro dia quinze quilômetros a pé. Passar a noite num Paiol de uma fazenda conhecida da chefe Roberta. Combinamos tudo. Até o calçado apropriado para uma longa jornada. Até o meião foi tirado. Usamos meias comuns de algodão. Mas permanecíamos de uniforme. Era sagrado para nós. A Patrulha da Raposa deu o “prego’ no primeiro dia”. Cinco deles cheio de calos. Quase não podiam andar. Chefe Juliano conseguiu uma carroça e os levaram de volta. Perguntou a todos se era melhor cancelar.

Nem pensar, dissemos. As outras três patrulhas envergonhadas também disseram que queriam prosseguir. Mais um dia de jornada. Doze quilômetros. Desta vez todos agüentaram bem. Chefe Roberta e chefe Juliano faziam às vezes de “batedores” e nós tínhamos que descobrir o caminho por sinais nem sempre visíveis. Duas patrulhas escoteiras tomaram o caminho errado. Bem feito. Não quiseram aceitar nossa opinião. Andaram mais quatro quilômetros sem necessidade.

Os escoteiros após essa jornada aprenderam a nos respeitar. Sabiam que não éramos nenhuma Pata Terra. Eles não sabiam que toda semana fazíamos reuniões em casa de uma de nós, e ali com livros que pegávamos na biblioteca da sede, aprendíamos sozinhas. Nós, amarras, costura, sinais, sinalização por Morse e semáforas, primeiros socorros (fizemos amizade com um sargento do Corpo de Bombeiros e ele nos convidou para um curso no batalhão). Claro, convidamos todas as patrulhas. Passamos um dia lá. Divertidíssimo!

Finalmente os três meses passaram rapidamente. Chefe Juliano abriu inscrições para outras jovens. Apareceram mais de sessenta. Escolher dezoito não foi fácil. O pior foi sua notícia. Nossa patrulha iria ser desmanchada.

Seríamos todas as monitoras e subs das outras patrulhas. Não aceitamos. Lágrimas, choros, reclamações e até promessa de abandonar o escotismo se isso acontecesse. Chefe Juliano e Chefe Roberta tiveram longa conversa. Disse que nos daria uma solução na próxima reunião.

Naquela segunda feira nos reunimos na casa de Milena. Era mais central para todas. Ficamos em seu quarto por horas. Discutimos todas as possibilidades. Não havia nenhuma. Entendíamos a posição do Chefe Luciano, sabíamos que nossa patrulha seria mais forte e as que chegassem nunca poderiam competir conosco. Era mesmo uma situação difícil. Como resolver?

Laura, sempre ela, calmamente explicou para nós que o Chefe Luciano podia fazer o que fez conosco. Um estágio das seis melhores escolhidas por cinco ou seis reuniões. As demais aguardariam chamada. Depois ficariam mais três meses estagiando conosco, seríamos uma patrulha de doze! Risos. Porque não? – disse Laura. Afinal atrasar o início da tropa feminina por três ou cinco meses não mataria ninguém.

Ligamos na mesma hora para ele. Ligamos também para a chefe Roberta. Disseram-nos que iriam pensar e depois dariam uma resposta. Durante a semana foi uma troca de telefonema entre nós, e ao sair da escola ia direto para a casa de Laura. Meus pais já haviam sido avisados. Os pais de Laura eram pessoas muito educadas. Ela era filha única. Eu e Laura discutíamos muito sobre a patrulha, mas nunca tomamos decisões ou iniciativas sem consultar todas as demais. A semana custou a passar. O sábado chegou. Fomos para a sede com o coração nas mãos.

Chefe Luciano nos deu a notícia. Um barato o chefe Luciano. Ficou nos olhando, balançava a cabeça nos deixando mais nervosas. A Chefe Roberta ria e ela mesmo falou alto e em bom som: Aprovamos a idéia de Laura. Iremos preparar seis e só depois formaremos novas patrulhas. Mas com uma condição. – Qual perguntei? – Vocês se transformaram em tutoras das demais. Nunca deverão demonstrar superioridade, e as tratarão como iguais a vocês. Ganhar é bom, mas demonstrar altruísmo é melhor.

Não entendemos bem, mas concordamos. Cinco meses depois foi formada a tropa feminina. Chefe Roberta seria nossa chefe. Pediu ajuda a uma amiga sua que tinha sido Bandeirantes e ela aceitou. Nós a conhecemos no sábado seguinte. Nem acreditamos, chefe Joana era nova, parecia uma menina, mas tinha dezenove anos. Era adorável, parecia mais uma de nós. A primeira reunião só com a tropa feminina atraiu os olhares da tropa dos escoteiros. Eles não deixavam de nos observar todo tempo.

Naquela época fazíamos amizade com eles, mas nada de ficar conversando com os meninos. Além do chefe Luciano não gostar, os demais chefes sempre nos mostravam que ali estávamos para fazer escotismo e não

namorar. Eu ria, nos meus doze anos nem pensava nisso. Meu primeiro namorado só veio a acontecer quando estava passando para pioneira. Gostava muito de Ruan, mas como amigo. Ele era da patrulha Touro. Não éramos íntimos. Nunca fomos. Só uma vez ele me convidou para tomar um sorvete. Nunca mais aconteceu.

Podemos nos telefonar... Conversar algumas bobagens. Aí os dias vão passar... Meses... Anos... Até este contato tornar-se cada vez mais raro. Vamos nos perder no tempo... Se continuassem para sempre...

EM ALGUM LUGAR DO PRESENTE - CAPÍTULO III

Foi uma semana difícil para Gloria. Uma forte gripe a preocupou. Não podia estar doente quando do encontro da Patrulha da Esperança. Isso nunca havia acontecido antes. Claro, houve sim um contratempo. Uma viagem sem esperar na casa de Célio seu filho. Ele pediu para ela ir urgente. Um convite para uma palestra no Uruguai e ele não podia faltar. Célio era bem conhecido nos meios jurídicos. Tornou-se um advogado famoso com apenas vinte e nove anos. Levaria Jurema sua esposa com ele. Mas Freed seu filho não podia ir. Semana de provas. Ele precisava dela. Contava com ela. Não podia faltar.

Prometeram retornar um dia antes da reunião da Patrulha da Esperança. Gloria confiou. Afinal Célio sabia da importância desta reunião para ela. Sempre fora assim, todos os anos. Ela amava Célio. Era seu único filho. Fez tudo por ele. Claro Rodolfo sempre a apoiou. Entendia perfeitamente o valor para ela do encontro anual. Ela e Rodolfo viveram felizes nos primeiros anos de casamento. Um dia tudo mudou. Rodolfo disse que amava outra. Foi uma pancada para Gloria. Célio estava com doze anos.

Ele saiu de casa em uma noite fria de junho. Disse que ela não se preocupasse. Ele iria manter a casa e todas as despesas dela até que saísse o divórcio. Ela não disse nada. Não tinha o que dizer. Nunca se considerou infeliz. Mesmo quando seus pais a deixaram com sua avó e nunca mais voltaram para vê-la novamente. Ela se esqueceu deles em pouco tempo. Sua avó a enchia de mimos. Comprava tudo que ela queria. Foi a primeira a ter o seu próprio computador no quarto.

Gloria conheceu Rodolfo em uma festa na casa de Sabrina. Sabrina era como uma irmã. Elas mantinham uma amizade que mais pareciam duas irmãs. Isto desde o primeiro dia quando se conheceram no Grupo Escoteiro. Sabrina disse a ela que não o conhecia, fora levado por um amigo dela. Não podia dar maiores informações. Rodolfo a levou em casa. Amor à primeira vista. Saíram muitas vezes. Sua avó não disse não. Chamou-a e deu-lhe alguns conselhos.

Não adiantou e logo se casaram. Um casamento simples. Rodolfo era engenheiro civil, trabalhava para uma multinacional e vivia viajando. Sempre telefonava. Quase todos os dias. Quando ela ficou grávida ele passou a vir mensalmente em casa. Claro dependendo de onde estivesse não era fácil à locomoção de ida e volta. Uma vez ele ficou oito meses sem vir em casa. Quando Célio nasceu lá estava ele distribuindo charutos para todos no hospital. Ria, cantarolava. Quem o visse acharia que era o pai mais dedicado do mundo.

Talvez até fosse. Por doze anos mesmo não estando presente o foi. Gloria sentiu sua falta, mas não chorou. Ela sempre foi assim. Na patrulha, no escotismo se emocionava com certas atividades, mas não demonstrava. Nunca demonstrou. Na patrulha todos a achavam forte, a escoteira que enfrentaria as dificuldades sempre com um sorriso. Bem isso lhe serviu de lição à vida toda. Se Rodolfo achou que ela ia implorar estava enganado. Ele foi sincero quando disse que nada ia faltar. Mensalmente depositava uma boa quantia na sua conta bancária.

Passou-se menos de dois anos. Uma tarde ele voltou. Não disse nada. Subiu ao seu quarto e lá colocou suas roupas. Desceu as escadas e perguntou se tinha jantar. Ele estava com fome. Parecia que tinha chegado de uma de suas viagens. Ela não disse nada também. Fingiu que estava tudo bem. Que fora somente um até logo. No dia seguinte a chamou para uma viagem. Ele queria passar uns dias em Londres. A empresa iria pagar. Se ela quisesse podia deixar Célio com sua Avó. Seriam vinte dias fora.

Foi maravilhosa a viagem. Não fizeram sua lua de mel, mas agora ela estava sendo realizada. Rodolfo era um amante perfeito. Levou-a para conhecer Westminster onde tiraram fotos, ao Big Ben e a Westminster Abbey onde notaram dois guardas a cavalo em frente a um portão preto. Dalí eles foram para St. James Park, maravilhoso. Claro nada como visitar ou ver o Buckingham Palace. Dias e dias aqui e ali. Rodolfo já conhecia. Um perfeito anfitrião. Em Piccadilly Circus ficaram maravilhados com as publicidades gigantes principalmente a da Coca Cola.

À noite Rodolfo não dava folga. Londres é uma das maiores metrópoles da Europa. Nada perdia para Nova Iorque, Tóquio, Moscou ou Paris. Rodolfo a levou no Royal Opera House. Ela se encantou. O teatro era lindo, fascinante. Sua história em várias décadas levou vários casais a loucura.

Recebeu reis e rainhas de todas as nações. Naquele dia assistiram Faust de Charles Gounod. Uma opera lírica em cinco atos com libretto de Jules Barbier e Micher Carré. Gloria se emocionou. Dormiu quando retornaram ao Hotel. Ficou a noite toda abraçada com Rodolfo. Foi realmente um passeio maravilhoso.

Antes de retornar, Gloria pediu a Rodolfo que a levasse a Gilwell Park. Explicou a ele o que era. O local atrai como um ímã as atenções do mundo escoteiro. Mesmo ela não estando participando não poderia deixar de visitar. Gilwell é sinônimo de formação e conhecimento. Gloria sabia que mais de 120 países trabalham para alcançar sua Insígnia da Madeira nos cursos de Gilwell. Uma tradição iniciada por Baden Powell em meados de 1919.

Gloria e Rodolfo nunca mais se separaram. Viveram suas vidas como se fosse dois casais apaixonados para sempre. Se um dia pudesse contar uma historia de amor e de almas gêmeas, Gloria e Rodolfo mereceriam o título máximo. Rodolfo parou de viajar. Montou seu próprio escritório. Dificilmente se atrasava para o jantar. Sempre respeitou as vontades de Gloria. Nunca em tempo algum desmereceu sua tradição, de anos e anos. Sabia que ela não iria faltar nunca.

Gloria estava em casa de seu filho e junto ao neto se divertia. Iam ao cinema, iam aos parques da cidade e ela esperava ansiosamente a volta de Célio, pois em dois dias a reunião da Patrulha da Esperança iria acontecer. Ela sabia que estava a mais de três mil quilômetros de distancia de Rio Verde. Sua cidade natal e onde tudo aconteceu. Célio chegou pela manhã do dia da reunião. Não encontrou vôo para ela. Mas ele sabia da importância de tudo para sua mãe. Alugou um jatinho. Pagou um bom dinheiro. Mas ela merecia. Afinal tinha prometido e ele sabia que sua mãe em tempo algum faltou ao encontro de suas amigas.

Chegou a Rio Verde quase à noitinha. Mal teria tempo de ir a um hotel, tomar um banho, vestir seu uniforme e se encontrar com a Patrulha da Esperança. Todas combinaram de não se falar até a hora da reunião. Claro em outros meses que não aquele mantinha uma conversa formal, por telefone, mas dificilmente uma visitava a outra. O gerente do hotel a conhecia. Jairo tinha sido escoteiro na época de Gloria. Ele sempre reservava o mesmo quarto para ela. Quantos anos isto aconteceu? Ele não sabia. Só sabia de uma coisa, ela estaria ali sempre. Uma semana antes do natal.

Gloria olhou-se no espelho. Setenta e cinco anos. Uma vida se passou desde que ela entrou no Grupo Escoteiro levada por sua avó. Setenta e cinco anos! Seu cabelo já estava todo branco, mas ela usava uma tintura que o deixava com cor cinzenta. Não totalmente. Não sabia por quê. Não era vaidosa. Nunca fora. Tirou seu uniforme da mala. Junto o ferro elétrico de passar. De novo passou o uniforme, olhou seu lenço vermelho e branco. Saudades. Lembrava quando fizera a promessa. Ainda era o mesmo lenço. Nunca o trocou.

O telefone tocou. Era Rodolfo. Desejava-lhe sorte. Dizia estar com saudades. Rodolfo. Quem o viu e quem o vê. Quem diria! Gloria após o banho se colocou diante do espelho. Lembrava-se da chefe Roberta. Uniforme se veste para ter orgulho. Sabe que agora é uma escoteira e os outros a verão como tal. Você não pode falhar. Saudades da Chefe Roberta. Por onde anda? Se ainda estiver viva teria mais de noventa anos. Risos. Saudades maiores da chefe Joana. Ainda deve estar por aí. Não deve ter mais que oitenta anos. Muito nova. Risos.

Gloria colocou o uniforme devagar. Tinha tempo. Olhou sua camisa, sua saia, seu meião leve de seda. Ainda tinha seu sapato preto, sem saltos. Colocou seu cinto. Já o tinha limpado. O limpava pelo menos duas vezes ao ano. Seu lenço seu anel eram o mesmo. Colocou-o bem postado. Nada de deixar o anel mais solto em baixo. Estava agora uniformizada. Sabia que todas nesta hora faziam o mesmo. Não sabiam onde estavam, nem como tinham chegado a Rio Verde. Exceto Alcione e Sabrina que moravam nesta cidade.

Sempre gostou de Rio Verde. Tinha boas lembranças. Claro a cidade sempre fora a mesma. Não crescera. Todos ainda mantinham aquela aureola de cidade interiorana. Boa tarde, boa noite, oi compadre, como vai? Era assim quando se andava pela rua. Mas sua vida tomou outros rumos. Para o bem ou não, gostava dela. Amava seu filho, adorava seu neto. E a paixão por Rodolfo permanecia. Rodolfo, quantas mudanças. Quem diria!

De uniforme foi jantar no restaurante do hotel. Comida simples, mas ela gostava. Os garçons também a conheciam. Uma água mineral, uma sopa de legumes na entrada e uma boa salada de tomate e alface. Pronto. Ela estava alimentada. Não bebia. Nunca bebeu. Saiu dali foi ao seu quarto e desceu saindo a rua deserta. Uma lufada de vento cobriu seu rosto. Esticou as mangas da blusa, Estava com a saia cinza do uniforme. Não gostava da calça comprida.

Encontrou alguns transeuntes. Não deu prosa, não dava. O tempo estava marcado. Sabia que devia chegar na hora. Nem um minuto mais nem um minuto menos. Era um espetáculo a parte a chegada das cinco. Todas chegando à mesma hora. Um sorriso, abraços, aperto de mão esquerda. Forte. Como haviam aprendido. Afinal não se dizia que só os valentes entre os valentes se saúdam com a mão esquerda?

Um dia nossos filhos verão aquelas fotografias e perguntarão: Quem são aquelas pessoas? Diremos que eram nossas amigas. E... Isso vai doer tanto! Foram minhas amigas, foi com elas que vivi os melhores anos de minha vida!

EM ALGUM LUGAR DO PASSADO - CAPÍTULO IV

Gloria sorria. Um sorriso maroto, típico de uma vencedora. O campo de Patrulha da Patrulha da Esperança estava pronto. Olhava com orgulho para Alcione. Ela sabia que seriam as primeiras a terminar. Para isso tinham treinado muito em um sítio do pai de Milena. Fizeram todas as pioneiras básicas que viram em uma foto em um livro de técnicas escoteiras. Aprimoraram e ajustaram para se construir no menos tempo possível. Alcione pegou o bastão totem da patrulha Esperança e se dirigiu ao campo da chefia.

Procurou a chefe do Sub Campo. Apresentou-se e disse que tinham terminado e o almoço estava pronto. Seria uma honra à senhora almoçar conosco! A chefe sorriu. Agradeceu. Hoje não minha jovem. Não faltará ocasião. Parabéns, vocês foram muito eficientes. Alcione sorriu. Iria compartilhar com todas. Gloria viu o sorriso de Alcione. Sorriu também. Afinal tinham se preparado tanto para que? A patrulha já não gostava tanto dessas atividades regionais. Preferiam um bom acampamento escoteiro. Mas a chefe Roberta insistiu, pois as demais patrulhas da tropa queriam participar e sonhavam com isso.

Eu vivia qualquer atividade escoteira sempre vibrando. Adorava. Amava o escotismo. Tudo para mim girava em redor do escotismo. Minha patrulha então? Não saberia viver sem ela. Não fui negligente com os estudos. Tinha boas notas, mas contava nos dedos os dias que encontraria minhas amigas e agora irmãs escoteiras. A sexta era incrível. Todas falando entre si no telefone. O programa? Você viu? E os jogos? Será que aceitaram nossas sugestões? Pertenciam a uma tropa formidável. Claro, ficamos amigas de todas as meninas das outras patrulhas.

Aconteceu um fato interessante. Em um sábado apareceu na sede um chefe Escoteiro bonachão, gordo, rosto redondo, bem uniformizado e chapelão. Sorriu para todo mundo, deu aquele Sempre Alerta e se apresentou como Comissário Regional Viajante. Nunca ouvimos falar disso, mas nossos chefes sempre foram afáveis e sempre nos afirmaram que somos amigos e irmãos dos demais escoteiros. Até aí tudo bem. Mas ele se convidou a jantar comigo naquele dia. Claro minha avó era boa pessoa não ia negar. Perguntei para a chefe Roberta e ele disse que tudo bem, mas eu devia tomar cuidado.

Terminada a reunião fomos para minha casa. Ele me pegou pelo braço e se divertia cumprimentando a todos que passavam por nós. Quem nos visse até acharia que tínhamos alguma intimidade. Chegando a casa da minha

avó ela o recebeu maravilhosamente bem. Enquanto ela foi para a cozinha preparar o lanche noturno, ficamos eu e ele na sala. Passou o braço em meu ombro e começou a me acariciar. Tentei me desvencilhar ele não deixou. Falou no meu ouvido baixinho que não ia me fazer mal, iria inclusive providenciar uns distintivos escoteiros bem bonitos para mim.

Forcei ele me soltar. Não soltou. Gritei para a Vovó. Ela veio correndo. Ele rindo com aquela cara bonachona de sem vergonha dizia, - Não se preocupe, sua neta é linda. Tenha calma e tudo irá se sair bem olhe – (pegou um maço de notas no bolso) – Isso é para ajudar nas despesas! – Vovó foi correndo a cozinha pegou um rolo de macarrão voltou e deu nele na cabeça. Ele gritou e saiu correndo de casa. Na mesma hora ligou para o chefe Luciano. Contou tudo. Chefe Luciano chamou o delegado. O levaram preso. Depois descobriram que ele agira assim em varias cidades que passara.

Vivendo e aprendendo. A Patrulha da Esperança riu muito quando souberam. Eu não ri tanto. Passei um aperto dos grandes. Era como dizia o Chefe Luciano, devemos confiar desconfiando. Nem todos são Escoteiros. Muitos iram aparecer em nossas vidas. Nem sempre a aparência mostra o que ele tem por dentro. Isso deve ser checado e verificado sempre. Percalços sempre aconteceram. Nada na vida é tão doce que não tenha pelo menos um pouco de sal para atrapalhar ou ajudar. Eu vivia um sonho de menina. Adorava minha vida, adorava minha patrulha, amava meu Grupo Escoteiro. Naquela época o escotismo era tudo para mim.

Em julho fizemos um acampamento longe da cidade. Muito. Viajamos mais de oito horas até chegarmos ao destino. Que local maravilhoso. O ônibus nos levou até próximo ao cume da montanha. Soubemos que era o Pico da Bandeira. Não iríamos até o topo. Só acampar e viver as aventuras de um campo aventureiro. A tropa dos Escoteiros também foi. Acamparam bem próximo a nós. Eu e Verônica fizemos um reconhecimento pela manhã em volta do nosso campo de patrulha. Descobrimos uma bica de águas cristalinas linda. Mais lindo ainda foram dez, isto mesmo dez ninhos de Corujas pantaneiras.

Elas com medo, tentavam nos bicar voando ao nosso redor. Voltamos e contamos para a patrulha. Toda a patrulha quis ver. Ficamos a olhar de longe. O mais lindo mesmo foi à noite, o céu era espetacular. Deitar na relva e ficar olhando nos transportava todas ao infinito. O escotismo é único. Oferece-nos a natureza em todo o seu esplendor. Ficamos lá por cinco dias. Um dos meus melhores acampamentos. Vi coisas que nunca tinha visto a mãe de cinco gazetinhas pastando e nos olhando com aqueles olhos grandes. Um lobo guará pequeno, que não saia de perto de nós. Adorava nosso pão do caçador.

Lembro que o tempo passava rápido. Não queria. Tinha medo. Muito. Com a idade teríamos que passar para as guias. Elas não existiam ainda. Mas fizemos um juramento. Toda a patrulha fez. Ou vamos todas nós ou não vai

ninguém. Risos. Agora tomávamos decisões que nem sempre eram compatíveis com nossa idade. As nossas chefes riam quando isso acontecia. Elas sabiam do nosso amor ao escotismo e a patrulha. Sabia que esta patrulha ficaria na história do grupo. Éramos admiradas por todos os escoteiros e as escoteiras. Tínhamos uma tradição por ser a primeira, de uma maneira insólita, mas que produziu frutos de amor, de caráter de tudo aquilo que se pode pensar em uma escoteira.

Não sei por quê. As demais patrulhas sempre saiam uma ou outra jovem. Claro era substituída rápido. A fila de espera era grande. Disseram-nos que o dia vinte e três de abril era o dia do escoteiro. Pedimos a chefe Roberta para planejar atividades que a comunidade soubesse do dia e o que éramos nós. Ela aceitou. A Corte de Honra decidiu que a liberdade seria estendida a todas as patrulhas. Todas as segundas e quintas lá estamos na casa da Milena. O planejamento foi grande.

Em cada escola que estudávamos procuramos a diretora ou diretor. Íamos sempre com a patrulha completa. Nosso objetivo era explicado. Queríamos autorização para ir de uniforme de escoteira e nos intervalos que pudéssemos falar a todas as classes sobre o escotismo. A receptividade foi tão grande que nos foi aberto o salão de festas para falar com todas as classes juntos. Regozijo completo. Quanto tempo nós iríamos ter? De quinze a vinte minutos. Ótimo. Mãos a obra. Cada dia na semana na escola de uma.

Um programa simples. Uma apresentação em forma de jogral. Treinamos muito. Na primeira escola formamos e mostramos primeiro como à escoteira entra em forma. Como era o grito da patrulha e o porquê dele. O lema e mostramos o aperto de mão e a saudação. Depois ficamos perfilados em frente aos alunos. Cada uma de nós dizia algum do que era o escotismo. As últimas palavras sempre em conjunto. Uma a uma. Desde a história do escotismo até o porquê de ser escoteira. No final falando em conjunto, como se fosse um coral, recitamos lindas poesias escoteiras. Sabíamos de várias e algumas de nós já tinham escrito outras. Milena cantou a Canção da despedida. Que voz tinha a Milena. Deixava a todos emocionados.

Na sexta, quando estamos terminando nossa apresentação na última escola, uma enorme palma dos alunos. Eu chorei. Vi que todas também estavam chorando. Abraçamo-nos. Acho que conseguimos. A cidade em peso ficou sabendo pelos filhos que estudavam na escola que fomos. A pequena rádio local nos entrevistou. Pedimos que a entrevista fosse realizada na sede. Um sucesso. Valeu mesmo aquele dia do escoteiro. Nunca seria esquecido.

Uma tarde Sabrina ligou. Seus pais estavam se separando. Sua mãe queria voltar para a capital. Seu pai trabalhava em Rio Verde e ela não queria ficar próximo a ele. Sabrina chorava. Lágrimas corriam aos borbotões nos seus lindos olhos negros profundos. Fomos nós todas da Patrulha da Esperança

na casa de Sabrina. Deus é justo. Em uma semana o pai e a mãe de Sabrina resolveram voltar. Beijinhos, abraços, gritos de felicidade. Eu era feliz muito. Todas eram. Sabrina era especial.

Acho que o tempo passou. Sei lá. Eu não via o tempo passar. Mas fiz quinze anos. Chefe Roberta veio me procurar. Eu era a segunda a ser procurada. Alcione também já fora. Não quis ser indelicada. Mas fui honesta. Não iria deixar a Patrulha da Esperança. Porque não esperar mais um ano? Todas estariam com quinze e duas com dezesseis. Chefe Roberta tentou explicar. Estava escrito nas normas. No livro chamado POR. Rimos. Quem manda na tropa, esse tal POR ou a senhora?

Chefe Roberta riu. Olhou para a chefe Joana e ambas disseram que iriam pensar. A senhora Maria das Graças teria que esperar mais um ano para formar sua tropa de guias. Mas ela não ficou chateada. Riu quando soube. Mais tarde se tornou grande amiga nossa. Foi um dia de felicidade quando soubemos que iríamos ficar mais um ano na tropa escoteira. Resolvemos comemorar. Cada uma tirou de seu cofrinho uns tostões e fomos para a sorveteria do Maneco. Tomamos todo tipo de sorvete. Eu me lambuzei e como sempre passei mal à noite com dor de barriga.

Passei de ano. Vovó disse que se quisesse poderia passar uns dias no Rio de Janeiro nas férias. Poderia ficar em casa de minha mãe. Ela morava lá agora. Meu pai nunca soube onde andava e o que aconteceu entre eles. Despedi das minhas amigas. Seria por pouco tempo. Quinze dias. Algumas ficaram assim e assim, mas lá fui eu para o Rio. Queria ir de uniforme, Vovó foi contra. Para que? Vocês estão de férias e eu comprei tantos vestidos bonitos para você. Eu olhava-os de vez em quando. Mas sinceramente? Não tinha prazer em roupa nova. Adora sim, meu amado, meu querido, meu sempre meu o idolatrado uniforme escoteiro.

A amizade consegue ser tão complexa...
Deixa uns desanimados, outros bem felizes...
É a alimentação dos fracos
É o reino dos fortes.

EM ALGUM LUGAR DO PRESENTE - CAPÍTULO V

A chuva não parava. Quatro dias chovendo a cântaros. Ainda bem que a casa de Laura ficava afastada do rio. Tiveram enchentes no passado. Perderam tudo, mas reconstruíram. Pedro seu marido sempre fora um forte. Nunca desistiu. Não era um homem bonito não. Mas Laura acreditava piamente que não existiria outro como ele. Ela o amava mais que tudo. Sempre o amou nestes cinqüenta anos que estavam juntos.

Ela sabia que não era bonita. Nunca fora. Gordinha isso sim. Não perdeu peso depois que cresceu. Ia a todas as festas, ninguém se interessava por ela. Ela não se importava. Ela amava o escotismo e para substituí-lo não haveria de encontrar nunca. Mas o destino nos reserva surpresa. Laura foi à primeira das cinco a casar. Pedro trabalhava na fazenda do “seu” Armindo. Lá era bem quisto, pois muito trabalhador não dava motivos de reclamações.

Pedro era tímido. Nunca tivera uma mulher na vida. Para dizer a verdade casou virgem. Claro, Laura também era. Antes de passar a pioneira Laura fez um acampamento com a Patrulha da Esperança na fazenda onde Pedro trabalhava. Agora eram guias. Pedro encantou-se com Laura. Homem rude, não soube se declarar e cá prá nós, nunca se declarou. Mas Laura sentiu seu olhar. Ela conversou com ele antes da partida. Disse onde morava. Deu a rua e o numero do telefone.

Passou vários meses e uma tarde de domingo alguém bateu a porta. Lá estava Pedro vestido com um paletó cinza, uma calça simples e uma gravata borboleta. Nas mãos um boque de flores silvestres. Entregou a Laura. Amor à primeira vista? Não, amor à segunda vista. Risos. Seu casamento foi maravilhoso. Nada de riquezas. Mas Pedro fez questão de encher toda a capela com flores silvestres. Todas colhidas na madrugada do casamento. No orvalho fresco que caia na montanha próxima. O perfume era inigualável. Na capela não teve ninguém que não orgulhou de Pedro. Sabiam que Laura seria feliz ao lado dele para sempre.

Um primo no sul lhe ofereceu uma terrinha. Fizeram com suas próprias mãos sua primeira casa. Na beira do rio dos Sinos. Demorou mais de dois anos. Quando ficou pronta Pedro deu uma festa. Mataram um porco (bem gordo), dez frangos e duas galinhas d’angola. Jairo tinha nascido no ano anterior. Um ano de idade na inauguração da nova morada. Ligia veio no ano seguinte e Valeria dois anos depois. Laura achou melhor parar. Três filhos. Difícil para dar tudo o que precisam.

Laura ajudava Pedro na roça. Plantavam muito arroz e feijão, mas seu primo disse para se dedicarem a soja. Tinha futuro. Assim fez, mas no primeiro ano a enchente levou tudo. Sua roça e sua casa se foram no rio dos Sinos. Eles arrancharam junto ao primo que morava perto dali. Chorar? Adiantava? Pedro e Laura achavam que não. Rezaram naquela noite. Muito. Eram fervorosos

adeptos de São Pedro. Padroeiro do estado e muito querido por todos os gaúchos.

Em seis meses levantaram a nova casa. Muitos vizinhos em mutirão ajudaram. A primeira safra de soja foi um sucesso. Depois a segunda, a terceira e deu para fazer uma nova casa de alvenaria. Até um carrinho compraram. Por todo o tempo que juntos viveram, Laura nunca deixou de participar da reunião anual da Patrulha da Esperança. Mesmo na enchente, pois ela aconteceu em fins de novembro. Pedro sorria quando ela contava sobre a Patrulha da Esperança. Claro, ele a conheceu na patrulha e mesmo não conhecendo nada de escotismo, admirava o que Laura fazia.

Todos os filhos levantavam de madrugada e iam estudar na fazenda do Lavrador, uma empresa que comprou muitas terras com o intuito de ser a maior fazenda de soja de país. Era uma boa escola. Seus filhos cresceram estudando lá e ao seu lado. Só Jairo se formou com engenheiro agrônomo. Ligia preferiu ir para o Rio de Janeiro. Disse que lá tinha futuro. Um dia a viram cantando em um programa na TV. Diziam que ela teria boas chances. Foi sim, mas conheceu um mexicano se casou e hoje mora no México. Acho que a seu modo foi feliz.

Valeria se casou com Acácio. Resolveram fazer uma casinha perto da deles. Laura gostou da idéia. Hoje são felizes com sua pequena plantação de soja. Já tem um carrinho e um filho, Nelsinho do qual adoram e Laura também. Laura em dezembro só pensava na reunião da Patrulha da Esperança. Nem notou um telegrama na mesa que chegou pela manhã. Abriu e viu que Ligia viria passar o ano novo com ela. Seu marido não viria. Era um político famoso e não podia deixar seu trabalho no congresso mexicano. Traria os dois filhos que teve. Reginaldo e Francesco. Laura quase desmaiou de alegria. Fazia mais de oito anos que não se encontravam. Saiu correndo pelos campos para contar a Pedro.

Agora só faltavam notícias de Jairo, mas ela sabia que ele viria também. Sempre veio. Nunca faltou. Laura era feliz. Agora muito mais. Mas tinha um problema. Sempre quando chegava a época da reunião da Patrulha da Esperança ela ia de ônibus. Uma viagem enorme. Chegava à capital e tinha que pegar outro para Rio Verde. Sempre gastava de três a cinco dias. E agora? Toda a família estaria reunida, ela não podia deixá-los, mas também não podia deixar de participar da reunião.

Pedro não se fez de rogado. Sabia que Laura só tinha olhos naquele mês para a Patrulha da Esperança. Disse que iria retirar um pouco da poupança que estava fazendo para comprar outro pedaço de terra do “seu” Nelsinho. Ele tinha colocado a venda, pois suas terras eram extensas. Ele já velho, filhos longe não dava mais para tocar. Assim Laura iria de avião até a capital e lá pegaria outro avião para Rio Verde. Poderia viajar no dia pela manhã e voltar no dia seguinte. Laura ficou pensativa. Mas era a única saída. Iriam gastar uma boa parte da economia da família.

Laura sabia que seu tempo estava terminando. Sentia muitas dores no abdômen. Ainda não tinha ido ao medico e nem falado para Pedro. Sua mãe tinha morrido em Rio Verde vinte e cinco anos atrás. Um câncer no estomago. Laura previu isso para ela. Pedia a Deus que não fosse agora. Atingira já seus setenta e quatro anos e ainda poderia render muito a sua família. Seus cabelos eram totalmente brancos. Ela não pintava. Seu corpo com o passar dos anos se firmou. Ainda gordinha, mas quem a visse sabia que ali tinha uma forte mulher.

Todos tinham chegado inclusive Jairo. Ela explicou a cada um sua falta por dois dias com lágrimas nos olhos. Ninguém a criticou. Todos sabiam seu amor pela Patrulha da Esperança e respeitavam. Olhava no espelho aquela manhã antes de ir até a cidade pegar o avião para a capital. Jairo disse que a levaria em seu carro. Não era longe, menos de uma hora em boa estrada. As passagens já tinham sido compradas. Até Rio Verde ida e volta. Uma semana antes tinha preparado seu uniforme. Ainda intacto. Adorava seu uniforme. Ele lhe trazia tantas lembranças e recordações dos tempos que se foram.

Passou com carinho a blusa, a saia, e o lenço. Seu distintivo de noviço ela tirava quando lavava. Só colocava após passar todo ele. Seu distintivo de patrulha era o mesmo. Duas tiras verdes, duas amarelas e uma cinza. Porque essas cores ninguém sabia. A Patrulha da Esperança era única. Não existia em nenhum livro escoteiro. Só no coração de suas patrulheiras. Vestiu e se olhou no espelho. Sabia que não poderia estar nada fora do lugar. Seus chefes lhe ensinaram isso. Garbo e boa ordem diziam. Uniforme é assim, ou você se orgulha ou não!

No dia marcado levantou cedo. Após o banho vestiu o uniforme. Claro, ela se sentia bem com ele. Iria uniformizada de avião até Rio Verde. Sabia que todos a olhariam com carinho e admiração. Despediu de Pedro. Quem visse não sabia do amor dos dois. Apenas um aperto de mão. Mas os olhos de Pedro estavam marejados de lágrimas. Calma meu amor, eu voltarei você sabe disso. Sempre voltei! Despediu de seus netos de Ligia e de Valeria. “Seus esposos não estavam na hora, mas sabiam das ‘manias” de Laura.

Foi uma viagem normal sem atrasos. Na primeira parada em São Paulo encontrou vários escoteiros, escoteiras e chefes embarcando para o Jamboree Na Costa Rica. A princípio nem olharam para ela. Mesmo com o uniforme bem postado, aquela velha gordinha de cabelos brancos não mostrava suas qualidades como escoteira. Só um distintivo de Promessa e de Patrulha. Riram. Chefes não usam mais distintivos de patrulhas. Devia ser alguém do interior. Duas guias se aproximaram. Conversaram. Ficaram admiradas com a história da Patrulha da Esperança. Nunca tinham visto nada igual.

Quando chamaram seu vô para Rio Verde viu todos os escoteiros em sua volta dando um grande bravo! Sorriu e lagrimas saíram de seus olhos. Agradeceu dando seu sempre alerta em posição de sentido. Foi outra viagem

gostosa. A aeronave desceu no horário em Rio Verde. Às cinco da tarde. Foi para a casa de sua tia Norma. Todos os anos ela ia para lá. Não podia encontrar com nenhuma das outras irmãs da Patrulha da Esperança. Era uma tradição. Só na hora certa no lugar certo.

Era um pouco longe da sede. Por isso saiu mais cedo. Caminhando pela rua se lembrava do passado. Belos tempos. Sua juventude foi cheia de felicidade. Tinha um passado e um presente que não trocava por nada. O escotismo lhe deu muito na vida. Amor, fraternidade, perseverança, seis maravilhosas amigas e lucidez para enfrentar a vida. Ela era uma vencedora. Pena que o câncer estava lhe comendo por dentro. Mas ela não se importava. Que o destino fosse o que fosse. Deus sabia o que estava fazendo. Católica fervorosa sempre pedia a Deus pelos seus e pelas irmãs da Patrulha da Esperança. Nunca para si.

Todos aqueles anos, quando da hora mais importante de sua vida, quando entrava no salão da sede, ela imaginava se não existia muito mais que este céu estrelado depois da vida. Encontrou alguns transeuntes. Não deu prosa, não dava. O tempo estava marcado. Sabia que devia chegar na hora. Nem um minuto mais nem um minuto menos. Era um espetáculo a parte a chegada das cinco. Todas chegando à mesma hora. Um sorriso, abraços, aperto de mão esquerda. Forte. Como haviam aprendido. Afinal não se dizia que só os valentes entre os valentes se saúdam com a mão esquerda?

Saudades até dos momentos de lágrima, da angústia, das vésperas de finais de semana, de finais de ano, enfim... Do companheirismo vivido... Sempre pensei que as amizades continuassem para sempre...

EM ALGUM LUGAR DO PASSADO - CAPÍTULO VI

Era uma subida das boas. Eu respirava pela boca e pelo nariz. Toda vez era assim. Mas minhas amigas sabiam que eu não desistiria. Afinal concordei com aquele bivaque. Aprendi com o tempo a levar na mochila só o necessário. Na primeira vez a chefe Roberta disse – Laura, você enche muito sua mochila. Ela fica pesada. Você já tem dificuldade para respirar e com esse mochilão? E me explicou o que deveria levar. Aprendi para o resto da vida. Porque levar aquilo que não vamos usar?

Paramos varias vezes. Tudo por minha causa. Meu corpo não ajudava. Minhas amigas me amparavam. Algumas sem nenhuma intenção de ofender diziam que eu deveria comer menos. Ginástica eu já fazia. O escotismo era uma movimentação constante. Interessante que minha mãe era bem magrinha. Meu pai não sabia. Ele nos deixou quando eu tinha quatro anos. Mas não desanimava. Eu me considerava dura na queda. Sabrina sabia disso. Era minha amiga de todas as horas. Estudávamos junto no mesmo colégio. Enfim chegamos. Nosso bivaque iria prosseguir no outro dia. Encontramos uma “tapera” coberta com folhas de coco.

Nas laterais abertas. Aproveitamos o lusco fusco da tarde para dar uma melhorada. Havia muitas Samambaias algumas com quase um metro e meio de altura. Não era uma planta forte. Mas daria para a noite que viria a seguir. Em pouco tempo cobrimos todas as laterais e só ficou uma pequena entrada que seria fechada a noite com a lona que chefe trouxe. Claro, não podia chover. A ‘tapera’ não iria agüentar. Verônica me ajudou a fazer um fogão tropeiro. Achamos muitos galhos secos. Logo o fogo crepitava.

Estávamos só nós, a Patrulha da Esperança. Ainda não tínhamos as demais patrulhas. Chefe Roberta era bem esperta. Achamos que pela sua idade não iria agüentar, mas foi eu quem deu vexame. Afinal mais de cinco quilômetros só de subida. Mas valeu. Uma vista maravilhosa. No dia seguinte desceríamos pelo outro lado e pegaríamos o ônibus em Santo Ângelo. Como dizem minhas amigas, para descer todo santo ajuda. Risos. Em pouco tempo fiz uma sopa. Sabia como fazer. O macarrão ficava no ponto. Cada uma levava sua “ração” B, e ela consistia em lingüiças, macarrão, arroz, óleo, sal e sabão. Claro, todas tinham um pedaço de Bombril. Era ponto de honra voltar com as panelas brilhando.

Jantamos com gosto. Água só mais embaixo. Uns quatrocentos metros. Sempre iam duas ou três para buscar e enchiam os cantis. Todas tinham. Fizemos um pequeno acero e juntamos muitos galhos secos para um fogo noturno. Não foi um Fogo de Conselho. Divertimos bastante é claro. Não sabíamos que a chefe Roberta além de uma grande contadora de piadas era também uma emérita contadora de historias.

Aquele dia contou uma linda historia de uma escoteira que sonhava voar. Ela se imaginava nas nuvens voando com os pássaros e no meio das flores com as borboletas douradas e azuis. Queria acompanhar os beija flores. Seria como um falcão a buscar o alto do céu para ver toda a terra em volta de si. Marlúcia tinha imaginação. Seus sonhos aconteciam a toda hora. Mas só em sua mente. A sua Chefe preocupava com ela. Tinha medo de ela pular do alto de uma arvore pensando que sairia voando.

Um belo dia ela dormiu. Acordou em uma campina cujos raios de sol faziam que as folhas e o capim fossem de ouro. Olhou em volta e não viu

ninguém. Ao longe um lindo arco Iris. Uma pequena borboleta, feia, escura, sem graça se aproximou dela. – Oi quer ser minha amiga? Se quiser empresto a você minhas asas e você pode voar até no arco Iris. Marlúcia não sabia o que dizer. Eram asas feias, tortas e cinzentas. Chegar ao arco Iris com umas asas assim, o arco Iris podia se desmanchar.

Mas Marlúcia tinha um coração de ouro. Abraçou a borboletinha e agradeceu pelas asas. Colocou em suas costas e saiu voando. Olhando para trás, viu que a borboletinha estava chorando. Ela voltou. Porque choras? Porque você levou minhas asas e eu tenho medo do gavião malvado. Se ele vier, não posso voar e nem me esconder. Marlúcia a pegou no colo e saiu voando as duas. Ela a borboletinha sorria. Chegaram ao arco Iris. Muitas outras borboletas. Abraçaram Marlúcia. Agradeceram a ela por trazer a borboletinha.

Logo chegou a rainha borboleta. Abraçou a borboletinha e disse a Marlúcia – Obrigada. É minha filha. Tinha sido levada por uma aranha malvada. Marlúcia ficou vermelha, além de voar, agora era amiga de todas as borboletas. Marlúcia acordou dentro da barraca. Todas suas amigas estavam sorrindo. Viram que ela em seu sonho realizou seus desejos. E vocês também podem realizar. Os sonhos existem, mas não vivemos só para sonhar. Para eles acontecerem temos que nos esforçar.

A história era linda. Todas da Patrulha da Esperança estavam emocionadas. Cantamos mais uma canção e fomos dormir. Eu dormi pensando na borboletinha. Queria ter uma amiga assim. Mas amanhã quem sabe encontrarei ela em alguma ravina por aí? Acordei com Sabrina me chamando. O sol despontava no horizonte. Levantei correndo. Eu era a cozinheira. Tinha de fazer o café antes de partir. Antes da tarde avistamos Santo Ângelo. No ônibus canções, alegrias e promessas de voltar sempre aqui para ver se encontrávamos a borboletinha cinzenta. Eu também sonhava em voar.

Tínhamos marcado irmos juntas a biblioteca da cidade. Eu já conhecia. Estive varias vezes lá fazendo pesquisa. Claro, iríamos de uniforme. Nós éramos escoteiras de corpo e alma. Reviramos toda a biblioteca e não encontramos nada sobre a vida de Baden Powell. Nosso objetivo em ir lá. Sabíamos pouco dele, Procuramos a responsável. Ela nos disse para olhar na enciclopédia britânica. Mostrou-nos onde estava a coleção. Pouca coisa. Ali o que constava já sabíamos.

Na reunião de patrulha resolvemos escrever para os dirigentes do nosso estado. Eles deviam ter mais dados da vida de Baden Powell. Um mês depois recebemos de um escoteiro que morava na capital um relatório, onde contava varias passagens da vida de Baden Powell. Quantas coisas aprendemos. Fiquei dois dias na casa da Verônica e da Sabrina lendo e relendo o relatório. No sábado só para deixar os escoteiros com raiva, resolvemos fazer um jogral, e os

convidamos. Seria sobre a vida de Baden Powell. Eles nada sabiam. Assustaram-se quando começamos a desfiar tudo que aprendemos.

Nesta hora o Chefe Juliano nos chamou em particular e disse que não fôramos corteses. Afinal ele soube do nosso relatório, não passamos a ninguém só a Patrulha da Esperança sabia. Claro que teríamos que ganhar. Falou umas palavras que nos marcaram para sempre. Olhem mocinhas. Competir é bom, ganhar também, mas respeitar o adversário é melhor ainda! É o escotismo é maravilhoso. Dá-nos a oportunidade de aprender tanto e eu aprendia todos os dias da minha existência.

Foram os dias mais felizes de minha vida, a Patrulha da Esperança era meu céu, meu lar, meu amor, minha paixão. Sabia que ela estava no meio do meu coração e Dalí nunca mais sairia. Tinha belas amigas, elas me respeitavam pelo que eu era. E olhe, no colégio todas me chamavam de gorda. Não importava. Ali não tinha amigos e nem amigas. Elas estavam lá, na Patrulha da Esperança.

Lembro-me ainda no dia em que fui à responsável pelo Hasteamento da Bandeira Nacional e a do Grupo Escoteiro. Estava tremendo. Medo de errar. Medo de tudo. Olhava com os olhos arregalados para a chefe Roberta. Grande chefe. Acho que também a amava e muito. A Chefe Joana não era presente. Faltava muitas reuniões. Dizia-nos que estava fazendo o vestibular e aos sábados seu tempo era curto, mas em breve tudo iria mudar.

Eu já tinha aprendido. Alcione sempre nos ensinou. Fazia o nó de direito alceado com os olhos fechados. Dobrar a abrir a bandeira era fácil. Mas como dizem os jogadores, treino é treino, jogo é jogo. Risos. Graças a Deus deu tudo certo. A bandeira alcançou o topo e o vento a espalhou para mostrar toda sua formosura. É linda nossa bandeira. Acho que é a mais linda do mundo. Depois da cerimônia de bandeira fui eu também a responsável pela oração. Essa eu tirava de letra. Sabia todas. Eu as dizia elas em alto e bom som não só por falar, as palavras vinham do fundo do coração.

**A saudade vai apertar bem dentro do peito. Vai dar uma vontade de ligar, ouvir aquelas vozes novamente... Quando o nosso grupo estiver incompleto...
Reuniremo-nos para um último adeus de uma amiga. E entre lágrima nos abraçaremos...**

EM ALGUM LUGAR DO PRESENTE - CAPÍTULO VII

Milena esperava ser chamada. Sabia que com sua idade não podia mais esperar fama, dinheiro, tudo que uma grande cantora pode ter. Passou uma vida correndo de bar em bar. Cantou em boates, cantou em teatros. Apresentou-se em programa de calouros na televisão. Todos sempre a elogiaram. Tinha uma bela voz. Mas não tinha o mais importante. Não tinha as canções. Não sabia compor e nem tinha facilidade de escrever uma bela canção. Era uma intérprete nada mais.

Setenta e quatro anos. Muitos anos. Uma velha para todos que a viam cantando. Ainda tinha um belo corpo. Ela se cuidava. Seus cabelos sempre pintados de negro contrastava com seus belos olhos azuis. Milena nunca teve amantes. Poderia dizer que permaneceu casta por toda sua vida. Um homem entrou em sua vida e saiu assim como chegou. Nunca pensou em filhos. Nunca quis. Achava que poderiam ser um empecilho em sua carreira. Até que houve um caso com o Leomar e ela quase ficou grávida. Perdeu a criança um mês depois. Castigo de Deus.

Leomar a seu modo a amava. Ficaram juntos por mais de cinco anos. Durou muito. Ela recebeu uma proposta de uma boate no Rio de Janeiro. São Paulo apesar de ser a maior cidade do país nunca lhe deu nenhuma oportunidade. Só desilusão. Leomar foi contra. Você pode ir eu não vou. Não serei mais um fantoche em sua vida. Leomar era assim. Trabalhava durante o dia e Milena à noite. Chegava a casa e ela já tinha saído, saía para trabalhar quando ela estava chegando. Não era vida. Não sabia como agüentou cinco anos. Milena chorou quando ele disse que não dava mais. Foi embora uma semana antes do natal. Milena tinha ido para a reunião da Patrulha da Esperança.

Era sagrado para Milena. Nunca faltou e não ia faltar. Só se morresse. Nunca foi para o Rio de Janeiro. Achava que se tivesse ido sua vida teria sido outra. Uma vez estava em Montevideú. Cantava em uma boate. Falou ao patrão que precisava ir ao Brasil. Só três dias. Era a data da reunião da Patrulha da Esperança. Voltaria logo. Ouviu o que não queria. Podes ir, disse ele, mas aqui você não canta mais. Milena precisava do emprego. Muito mesmo. Suas economias eram poucas. Pagavam há ela uma ninharia. Disse Adeus e partiu. Voltou de ônibus. Pouco dinheiro. O tempo passava rápido na vida de Milena. Hoje aqui amanhã ali. Fez pousada muitas vezes nas boates e em bares imundos. Muitas vezes não tinha onde dormir.

Quando comunicou aos seus pais que iria embora de Rio Verde foi um Deus nos acuda. Tentaram tudo para demovê-la da idéia. Ela parecia não ouvir. Só pensava em seu sonho. Sempre acreditou que seria uma grande

cantora. Ela tinha feito vinte anos. Ainda era uma pioneira, junto às amigas da Patrulha da Esperança. Suas amigas tentaram mostrar para ela a realidade da vida. Mas Milena sempre fora forte nas suas idéias. Quando decidia estava decidido.

Partiu em um sábado pela manhã. Sozinha. Não sabia o que iria encontrar pela frente. Mesmo partindo sem o de acordo de seus pais, eles fizeram tudo para lhe dar uma quantia razoável para ela viver independente por pelo menos seis meses. Eles achavam que se ela nada conseguisse voltaria correndo de volta ao lar. Nada disso aconteceu.

Milena só voltava a Rio Verde para a reunião da Patrulha da Esperança uma vez por ano. Chegava à tarde do dia marcado e voltava cedo no dia seguinte. Nunca foi visitar seus pais. No ano anterior soube que tinham morrido. Milena chorou no ônibus. Disse a si mesma que não devia ter agido assim. Deveria ter visitado seus pais, deveria ter dito a eles que os amava. Não falou nada disto. Quanto mais pensava mais chorava.

São Paulo era uma cidade cruel. Não perdoava os inocentes. Com cinco dias roubaram na pensão todo o dinheiro de Milena. Ficou sem nada, mas não chorou. Parou em frente a um botequim, mais para bar do que um botequim. Era do Marcondes. Ela a olhou de soslaio. Mandou-a cantar. Entusiasmou-se. Pensou que podia dar uma nova conotação em seu botequim. Quem sabe aumentaria a freguesia? Disse a ela que pagaria por noite. Vinte reais. Só? Disse Milena. Só respondeu. Se quiser tudo bem se não pode ir procurar outro lugar.

Milena ficou quase um ano no botequim do Marcondes. Um dia ele tentou dormir com ela. Ela não gostava dele para isso. Não aceitou. Ele a chutou e colocou na rua. Vá sua vagabunda, não me apareça mais aqui! Milena não chorou. Não era uma vagabunda. Tinha a mente sã, era uma escoteira. Tinha respeito pela Lei e a Promessa. Durante o tempo que ficou lá, morou nos fundos. Uma cama, uma penteadeira e o imundo banheiro do bar.

Agora não tinha aonde ir. Pensou em voltar para Rio Verde. Não. Não poderia. Acreditava que poderia fazer fama. Tinha certeza disso. O tempo iria provar a ela e a todos de Rio Verde. Viu uma boate de strip tease. Parou e entrou. Procurou o gerente. Não ia fazer strip, queria cantar. Não importava onde. Ele a mandou cantar. Encantou-se com sua voz. Contratou. Um salário até razoável. Melhor que todos que tinha recebido. Ela perguntou se a casa não tinha um quatinho para ela ficar. Ele riu, seu nome era Morreu. Sim Morreu. Milena riu baixinho.

Milena cantou ali por dez anos. Dez anos. O tempo passava depressa. Morfeu já sabia de sua mania. Uma semana antes do natal ela desaparecia e voltava três dias depois. Tudo bem. Sabia que podia contar com ela. Morfeu apesar do nome era homossexual. Respeitava a tudo e a todos. Não

era um afeminado como muitos. Milena passou a admirá-lo. Ficou com ele aquele tempo todo e conseguiu fazer uma pequena economia. Infelizmente gastava muito com roupas. Tinha de se apresentar bem.

Milena tinha muitos fãs. Vários iam à casa de strip só para vê-la cantar. Eles lhe davam gorjetas. Claro algumas cantadas dos velhos senhores dos casarões de vila Madalena. Infelizmente nunca apareceu um olheiro para levá-la em um teste serio em uma gravadora. Um dia a policia invadiu a casa. Chegaram atirando. Mataram Morfeu. Disseram que ele era um bandido perigoso. Traficante de drogas. Milena chorou e não acreditou. Nunca tinha visto nada. Levaram-na a delegacia. Ficou lá cinco dias. Uma vergonha. Chorava de vergonha. Era uma escoteira. Cumpria a Lei e Promessa. Não era uma vagabunda.

Outros bares, outras boates, o tempo foi passando e Milena envelhecendo. Agora morava em um pequeno apartamento. Aprendeu a economizar e comprou com muita dificuldade. Já estava pago. Não devia nada. Era no centro de São Paulo. Diziam que era a boca do lixo. Não importava, era seu, só seu. Muitas vezes não tinha o que comer. Procurava o restaurante de um real. Não era uma lauta refeição. Dava para o gasto. Inscreveu-se no programa do Raul Gil. Seis meses para ser chamada e fazer o teste.

Coincidiu que a sua apresentação seria no dia da reunião da Patrulha da Esperança. Não havia o que decidir. Não foi ao programa. Voltou lá outras vezes, foi esnobada. Teve a sua oportunidade disseram, agora vá se danar. Era assim mesmo. Uma tarde cantava no boteco do Zé Leôncio. Um homem de terno a observava. No intervalo a procurou. – Olhe tenho uma musica, não quer dar uma olhada? Não foi o primeiro. Quantos lhe ofereceram para querer seu corpo em troca.

Não deixou de ver a musica. Linda. Muito linda. Pediu ao Banana Trio que tocasse para ela cantar. Todos ficaram eletrizados. A música era especial. Se conseguissem uma gravadora seria sucesso na certa. Marco Vinicius não conhecia muita gente. Foi à segunda musica que compôs. Mesmo assim compôs mais oito. Só para ela. De todas as procuradas uma gravadora deixou que eles fizessem o teste. A música nem terminou e fizeram um contrato. Pequeno. Quase nada. Mas foi o dia mais feliz da vida de Milena.

Demorou cinco meses para a música estourar nas rádios de todo o país. Milene ficou famosa aos 76 anos. Uma vida. Uma luta. No fim era famosa. Procurada por emissoras de TV, clubes do interior. Milena era econômica. Nunca esbanjou. Era simples no seu pedido quando ia cantar. Marco Vinicius era seu empresário. Combinavam tudo. Compôs mais cinco musicas. Todas fazendo um grande sucesso. Ele era um dos maiores compositores que apareceram nesta década.

Um dia foi convidada para cantar para o Presidente da Republica no Palácio da alvorada. Foi sua gloria. Queria que seus pais estivessem ali com ela. Nunca pensou que entraria pela porta da frente. Seria respeitada por todos os artistas brasileiros. Decepção. Grande decepção. A data era da reunião com a Patrulha da Esperança. Não foi. Marco Vinício gritou com ela. Foi à conta. A união foi rompida. Pena. Ela precisa dele. Gostava dele como amigo e parceiro. Quem sabe voltaria?

Não voltou. Oito meses depois seu repertório já não fazia mais sucesso. Paciência. Ela poupou o suficiente para viver seus últimos dias de vida na terra. Resolveu comprar uma casinha a beira mar em São Vicente. Litoral paulista. Vivia lá olhando o mar. Ainda recebia aqui e ali alguns convites. Ela ia, gostava de cantar. Mas sempre só. Solidão? Lembrava-se da frase de Clarice Lispector. “Minha força está na solidão. Não tenho medo nem de chuvas tempestivas nem de grandes ventanias soltas, pois eu também sou o escuro da noite”.

Chegou dezembro. Tirou seu uniforme do baú. Lavou apesar de estar limpo. Nunca lavava em maquinas de lavar. Era com suas próprias mãos. Passou. Limpou a fivela do cinto. Antes de ir para o aeroporto, vestiu ele com calma. Olhava cada parte. Nada poderia dar errado. Claro, sempre fora e iria de uniforme. Adorava quando a reconheciam na rua, no saguão do aeroporto. Ainda mais com seu uniforme escoteiro. Partiu à tarde de avião para Rio Verde. No próprio aeroporto tomou um banho. Jantou. Esperou dar onze e vinte horas. Foi a pé. Não era longe. Uns trinta minutos a pé.

Todos aqueles anos, esta era à hora mais importante de sua vida, quando entrava no salão da sede, ela imaginava se não existia muito mais que este céu estrelado depois da vida. Encontrou alguns transeuntes. Não deu prosa, não dava. O tempo estava marcado. Sabia que devia chegar na hora. Nem um minuto mais nem um minuto menos. Era um espetáculo a parte a chegada das cinco. Todas chegando à mesma hora. Um sorriso, abraços, aperto de mão esquerda. Forte. Como haviam aprendido. Afinal não se dizia que só os valentes entre os valentes se saúdam com a mão esquerda?

Há momentos na vida em que sentimos tanto a falta de alguém que o que mais queremos é tirar esta pessoa de nossos sonhos e abraçá-la.

EM ALGUM LUGAR DO PASSADO - CAPÍTULO VIII

Eu não iria desistir. Não havia a menor possibilidade. Estava no meio da corda entre um lado e outro do riacho. Sempre fiz Comando Crawl com maestria. Nunca amarelei. Nem agora. Mas estava tremendo. Tremendo mesmo. Só faltava eu. Do outro lado vi Alcione rindo e gritando vai, vai! Glória e Laura pulavam e diziam não desista! Sabrina e Verônica riam a valer. Afinal a culpa foi minha. Quem mandou desafiar a Patrulha Rios do Sul para aquele duelo? Eram seniores antigos. Não tanto como nós. Viemos juntas desde escoteira. Não entrou ninguém, não saiu ninguém. Nossa patrulha era a única das guias.

Fizemos a Rota Sênior com toda a patrulha. Necas de passar o bastão para outras que não sabiam do valor da Patrulha da Esperança. O nome da patrulha continuou na Tropa sênior. Na mesma época os Rios do Sul fizeram o mesmo. Só que menos de três escoteiros. Eram seis, mas três vieram depois. Como na tropa eram duas patrulhas havia uma disputa sem igual. Os seniores querendo ser machões e nós enfrentando o desafio. Nunca fugimos dele. Do outro lado do riacho eles gritando – Cai! Cai! E riam a valer.

Quando o chefe Romeu nos comunicou que não dava mais continuarmos como escoteiras, ficamos a semana inteira em reunião. O chefe Renato ficou menos de um ano e desistiu. Mudou de cidade. Assumiu o chefe Romeu. Não era tão simpático como o chefe Luciano. Não sabia de nossa história. Mesmo com a chefe Roberta contando ele não dava muita bola. A passagem seria no mês que vem disse. Como não tem tropa sênior à rota seria feita de maneira diferente. Não éramos pata tenras em seniorismo. Tínhamos lido tudo que encontramos. Sabíamos o que era uma Rota Sênior.

Enfim, não havia como continuar como escoteiras. Não foi tão ruim assim. Foi divertido à disputa com a Patrulha Rios do Sul. Fizemos muitas atividades em conjunto. O respeito era a tônica entre nós. Mauricio o monitor não tirava os olhos de Laura. Ela se divertia. Toda vez que ele dizia algum respondia com um sonoro não. Interessante. Nenhuma de nós ainda não tinha namorado. Muitas colegas de escola estranhavam. E daí? Para que namorado? Iria é estragar nossas reuniões, nossos acampamentos e com os seniores seria pior. Nada de diversão escoteira.

Só uma vez em uma atividade nacional de Patrulhas, Sabrina foi paquerada por um pioneiro que veio da Alemanha a convite de nossos dirigentes. Ela gostou da paquera. Durou pouco. Quatro dias. Voltamos para Rio Verde e não sei se ela o esqueceu. Nossas reuniões no início eram mornas. Mesmo com a chefe Maria das Graças e com a ajuda do chefe Romeu, o

programa deixava a desejar. Resolvemos mudar isso. Com cinco reuniões de patrulha e duas da tropa sênior as idéias apareceram.

Mauricio um dia não ficou satisfeito com um jogo de “queima espada”. Não aceitava que tivéssemos ganhado. – Foi sorte, dizia. Fiquei fura de raiva. O desafiei para várias provas no campo. A chefe Maria das Graças não foi muito a favor, mas as duas patrulhas se entusiasmaram. Preparamos um acampamento de três dias. O primeiro uma jangada e descer o Rio Veloso e seguir com ela até a ponte da estrada de Rio Verde. Eles ganharam. Por dez minutos teríamos chegado primeiro. Paciência. O pior é que ganhamos quando todos tinham de subir e descer de uma árvore de oito metros por uma corda e descer usando o nó de evasão.

No terceiro dia pela manhã foi à vez do comando Crawl. Sinceramente achei que íamos perder. Mas as outras passaram com uma rapidez incrível. Só eu agora estava amarelado. Nunca isto não podia acontecer. Fechei os olhos para não ver a altura e fui em frente. Consegui. Gritos de urras, Palmas, abraços e beijos entre nós da Patrulha da Esperança. Agora era a vez dos Rios do Sul. Coitados. Mauricio foi o primeiro e caiu. Esborrachado nas corredeiras lá em baixo. Não se machucou. Escolhemos um local onde não tinha pedras.

Miltinho foi o segundo. Caiu também. Aí os demais amarelaram. Só o José Antonio atravessou. No final houve empate técnico em tudo. Melhor assim. Para dizer a verdade eu gostava muito da Patrulha Rios do Sul. Todas nós tínhamos muita amizade com eles. Fazíamos muito reuniões especiais. Cinema, museus, shoppings, e nunca fomos a nenhuma atividade distrital e regional ou mesmo nacional que eles não fossem também.

Já sabíamos que quando chegasse à hora, ou seja, a idade de dezoito anos, as duas patrulhas iriam juntas para pioneiros. Olhe, eu não gostava muito da idéia. Mas enfim. Como dizia o chefe Juliano no passado, este é nosso crescimento. Pena que não fomos lobinhas. O escotismo feminino tinha crescido muito. Já era uma potencia. O chefe Romeu um dia comentou que se continuasse assim logo, logo o numero das jovens ultrapassaria o dos jovens.

Todos na tropa sênior e guias sabiam de minhas qualidades como cantora. Diziam que eu tinha uma linda voz. Paulinho, um escoteiro sênior tocava violão maravilhosamente. Ficávamos junto cantando todas as canções escoteiras que conhecíamos. Um dia na porta de minha casa ele veio com seu violão e ficamos ali na varanda cantando. Nem notamos que muitos vizinhos se aproximaram. Cantamos outras musicas que estavam fazendo sucesso no momento. Muitas palmas. Assustamos. Eu ri, sabia que gostava disso.

Passamos a cantar quando as reuniões terminavam. Muitos ficavam conosco para nos ver cantar. Paulinho era magro, muito. Diziam até que

era doente. Não sei. Mas como tocava violão. Era um mestre e olhe, tocava de ouvido. Eu gostava muito dele. Mas como amigo, nada mais. Ele ia sempre a minha casa e eu na dele. Aos domingos quando não estávamos em atividade, íamos à praça da cidade e ali ficamos cantando. Uma multidão se aglomerava e eu até que gostava daquilo.

Uma vez, e não esqueço, estávamos acampados na Várzea do Oleiro, e estávamos divertindo muito. Todas nós da Patrulha Esperança. Estava com dezessete anos e Alcione mais a Glória já com seus dezoito. A chefia insistia para começarmos o Clã. Foi neste acampamento que resolvemos dar início. Já havia mais duas patrulhas novas, vindas da tropa escoteira e de guias e porque não fazemos o Clã tão sonhado pela chefia?

Lembro que foi a noite, o Fogo de Conselho havia terminado. Chamei Paulinho para cantar mais um pouco. Ele sorriu e me disse que não podia. Não entendi por quê. Chegue próximo a ele e sua tosse que eu já havia visto aumentou. Em dado momento sua boca ficou vermelha. Ele estava tossindo e o sangue saindo. Levei um susto. Gritei alto chamando a todos e o chefe Romeu. Foi à última vez que o vi. Levaram-no ao hospital e sua família o embarcou para uma cidade no norte do país. Os médicos diziam que lá por ser clima quente ele iria recuperar com maior rapidez.

O tempo passou. Um dia encontrei sua mãe e ela me disse que havia falecido. Ela tinha os olhos marejados de lágrimas. E disse mais ainda – Olhe, ele morreu feliz, dizia que o escotismo foi uma verdadeira felicidade que aconteceu em sua vida. Mandou dizer a você que é uma grande cantora. Que você devia tentar a sorte em uma cidade grande. Eu estava chorando. Paulinho, Paulinho. Quantas saudades. Que falta você me faz. Eu o amava como um irmão. Naquela noite rezei por ele. Muito. Lágrimas sempre caíam quando me lembrava dele.

Passei vários meses sem cantar. Só voltei cantar novamente quando o Clã já estava funcionando. Foi em um encontro pioneiro que realizamos em Cidade Nova. Muitos Clãs. Eles não nos entendiam. Claro, fizemos questão de manter as patrulhas. A Patrulha da Esperança e a Patrulha Rios do Sul mantiveram-se intactas. Foi à exigência que fizemos e aceita pelo chefe Romeu. Ele já sabia como éramos. E para dizer a verdade, funcionava com muito sucesso.

No mutirão Pioneiro conheci um pioneiro de Maria da Fé. Não era bonito. Ele me lembrava de Paulinho. Claro, era um grande violonista. O vi tocando para uma turma pequena a tarde do penúltimo dia do Mutirão. Aproximei-me. Conhecia a música que ela tocava. Comecei a cantar. Todos me olharam espantados, ele me olhou e sorriu. Disse – Continue. Você tem uma linda voz. Ficamos amigos. Claro difícil nos encontrar sempre Sua cidade ficava

a mais de 250 quilômetros da minha. E olhe a cada dois meses ele vinha me visitar.

Até hoje não sei o que sentia por ele. Se uma grande amizade, se uma nostalgia por me lembrar de Paulinho, ou com um novo amor florescendo no meu coração. Mas não durou muito. O Clã estava se esfacelando. Alcione casou e se foi. Gloria também. Laura que pensei que nunca iria casar também casou. Só sobrou eu a Sabrina e a Verônica. Em uma bela tarde, não sei qual o motivo olhei a todas as minhas amigas e chorei. Não sabia francamente porque chorava. Talvez porque ao longe avistei um por de sol dos mais lindos que já tinha visto. Na semana seguinte Verônica morreu.

Meu coração estava morrendo. Perdi amigas que se foram. Perdi Verônica que amava muito. No fundo entendia. Elas mereciam ser feliz a sua maneira. Sabia que assim como Verônica, as três que casaram também seriam felizes para sempre. Agora era eu e a Sabrina. Não tinha mais motivação no Clã. Falei para a Sabrina. Ela chorou. Chorou muito e não disse nada. Quase oito anos juntas. Quantas aventuras! Quantas alegrias, nós sabíamos que não ia terminar ali. O juramento já havia acontecido. Um juramento de sangue. Ninguém ia falhar.

Não sei se foi melhor assim. Mas eu me sentia sozinha em minha cidade. Rio Verde se tornou muito pequena para mim agora. Sem o escotismo, sem o Clã. E para piorar Sabrina também tinha ido. O que aconteceu com ela me deixou arrasada. Tinha de partir. Partir? Uma palavra que não se encaixava no meu cérebro. Nunca pensei em realizá-la. Sempre achei que não tinha coragem. O escotismo me deu vida, me ensinou a ser alguém, me ensinou a fazer fazendo. Mas partir? E meus pais?

Faremos promessas de nos encontrar mais vezes daquele dia em diante. Por fim, cada um vai para o seu lado para continuar a viver a sua vidinha isolada do passado... E nos perderemos no tempo...

EM ALGUM LUGAR DO PRESENTE - CAPÍTULO IX

Sabrina olhava o entardecer pela janela do Convento. Sempre o sol se pondo era um dia novo para ela. Sua mente quando o via amarelando, o vermelho aparecendo seus pensamentos se misturavam. Nunca teve dúvidas de sua vocação. Claro apareceu muito tarde. Quando deixou de frequentar as reuniões do Clã. Por vários meses ela não entendeu o que se passava. Não era dor. Quem sabe um sentimento forte. Sentimento que a fazia buscar nas estrelas qual seriam.

Sabrina nunca pensou em ser uma freira. Nunca. Ela gostava de rir, de dançar, de sair por aí. Namorados? Sim, existiram alguns. Nada sério. Não deixava que eles a tocassem. Nunca deixou até o dia... Ela não queria lembrar. Chorava quando os fatos vinham a sua mente. Ela sabia que não poderia esquecer. Afinal Sabrina adorava a todos. Sempre achou que não tinha inimigos. A cidade toda a conhecia. Quando voltava a visitar o Grupo Escoteiro todos sorriam para ela.

O chefe Romeu insistia para ela participar novamente. Desta vez poderia ser uma assistente da tropa. Ela disse que iria pensar. Infelizmente a hipótese não passava em sua cabeça. Olhava as meninas correndo no pátio, orgulhosas em seu uniforme e mesmo assim não se animava. Tinha uma dedicação extrema com seus estudos. Já tinha terminado todos que a sua cidade oferecia. Fez cursos de datilografia, de cabeleireira, de massagista, fez cursos mil.

Ali na janela do Convento das Mercês, Sabrina sorria. A vida vivida pelas detentas (risos) era de felicidade. Modo de dizer, pois entre elas e as noviças brincavam assim. Mas sabiam que poderiam sair à hora que quisessem. Não éramos muitas. Duas turmas com quinze cada uma. Não havia uma determinação de uma rotina obrigatória. Os vários tipos de trabalho realizados nunca e de maneira alguma servia de disputa entre uma turma e outra. Nunca foi uma comunidade contemplativa. Elas faziam pouco. Um trabalho educacional e até uma enfermaria eram mantidos no convento.

Também não era uma comunidade fechada. Seus pais sempre que quisessem a podiam visitar. Não recebia muitas visitas. No começo sim. Depois foram rareando. Das amigas da Patrulha da Esperança ela sabia que poucas viriam. Seu juramento dizia isso. Não eram obrigadas a não ser no dia marcado. Este sim era sagrado. Ela ajudava em uma pequena escola próxima ao Convento, dava aula de matemática. Algumas outras ajudavam em um asilo de velhos, e olhe um trabalho magnífico.

Sempre no carnaval se esmeravam para receber convidados no retiro espiritual. Ela gostava muito. Gente nova, quase ninguém que conhecia. Havia outras que se dedicavam a atividades eclesiais e bordavam para a igreja nas necessidades litúrgicas. Graças a Deus não havia ociosidade. Estavam sempre em movimento. Muitos anos se passaram para que se tornasse a Madre

Superiora. Nunca desejou ser uma. Nunca foi monitora na patrulha. Nunca quis. Sempre achou que não tinha liderança suficiente para comandar.

Ela tinha em Suor Angélica seu exemplo. Nada a ver com a ópera de um só ato de Giacomo Puccini. Para ela, Suor Angélica fora um exemplo de vida. Leu muito também sobre a vida de Madre Igínia, superiora do Convento de Vicepelago. Não sei, mas a vida no Convento mudou muito depois que o Prior, frei Anastácio a escolheu. Disse-lhe que foi uma escolha do Vaticano. Não sabia e não importava. Ela tinha um grande amor pelas freiras. Para ela eram irmãs do coração. Sempre a procuravam, ficavam conversando horas no jardim do convento.

Suas rotinas eram simples. Levantavam às cinco da manhã, e na capela rezavam a prece matinal. Pela manhã cada uma se dedicava ao seu trabalho comunitário. Ela, mesmo com a idade ainda lecionava no Lizeu. Todos lá gostavam muito dela. Dificilmente apareciam noviças. Pareciam mais a Patrulha da Esperança. Não havia noviços. (risos). Deixava que dentro do Convento seus hábitos fossem simples. Todas vestiam simplesmente e só quando saíam é que a responsabilidade de estar com o hábito impecável.

Sua ordem pertencia as Irmãs do Bom Socorro. Visitas das madres de outros conventos eram raras. Lembrava-se do dia que procurou a Madre Lavinia. Ela tinha um coração de ouro. Conversou com ela por horas. Contou tudo. Não podia esconder. Disse a ela que não era o motivo único por decidir amar a Jesus. Ela tinha resolvido que só a ele entregaria seu coração. Madre Lavinia a ouviu por muito tempo. Não fez em tempo algum um comentário que pudesse servir como censura ou a magoasse.

Nos primeiros anos foi difícil. Principalmente quando se aproximava dezembro. Madre Lavinia sabia e tinha autorizado. Nunca faltava a reunião da Patrulha da Esperança. As demais freiras queriam saber o que era reunião, como era feita, e o que se conversava ali. Ela nada dizia. Apenas sorria. Uma lenda começou a se formar a seu respeito. Lenda que se espalhou em conventos de todo o país. Um dia o Prior a procurou. – Olhe dizia – você tem um encontro com o Papa! Imagine? Eu? Pensou ela. Não acreditou.

Você mesmo. A lenda que falam de você, e até que faz milagres correu o mundo. O Papa quer te conhecer. Ficou pensativa. Sabia da lenda, não era verdade, não era milagreira. Nunca foi. Ouve alguns casos. Uma menina que não podia andar. Suas muletas quebravam em frente ao convento. Correu para ajudar. Ela a olhou e chorou. Ficou em pé. Abraçou-a e saiu sorrindo andando e gritando – Madre Sabrina! Madre Sabrina me curou!

Correu até ela. Disse que não tinha feito nada, foi Deus. Deus e Jesus. Ele era seu instrumento. Ela não podia ser. Era uma pecadora. Não podia fazer milagres. Mas não adiantou. No dia seguinte uma multidão em frente ao

Convento. O que fazer? Ligou para o Prior. Ele a aconselhou a sair, e chamar todos para rezar. Ali mesmo. A capela era pequena. Dizem que naquele dia uma aureola branca e azul plantou-se acima de sua cabeça. Ela não viu nada.

A lenda correu, uma fama se criou. Todos os dias ela tinha de sair até o pátio do Convento e rezar com a multidão. Mais pessoas gritavam. Dizia estar curados. Incrível. Não podia ser ela, pensava. Nunca. Não contou sua história que quando pioneira conheceu Almerindo. Um rapaz lindo, simpático e educado. Convidou-a para sair. Foi. Deu a ela uma bebida estranha e desmaiou. Acordou toda machucada. As roupas em frangalhos. Tinha sido estuprada. Chorou muito. Gritou alto, não de dor e sim de vergonha. Almerindo não precisa ter feito aquilo. Machucou-a. Por dentro e por fora. Feriu fundo seu coração.

Muitos rapazes quando a viam sorriam. Não diziam nada ela ficou sabendo que não foi só Almerindo. Foram mais de dez. Meu Deus! Meu Deus! Dizia. Mataram-me e ela pensava que ia morrer logo. Mas algum aconteceu. No dia que comprou uma lata de veneno para rato, pois decidira acabar com sua vida, não teve coragem. Uma voz dizia – Vá, acabe com sua vida miserável. Todos na cidade irão rir de você. Eles irão chamá-la de puta, cachorra, vaca, sem vergonha. Melhor partir para um mundo novo!

Outra voz, mais calma, mais amena falava o contrário. Deus te ama. Jesus te ama. Isto estava escrito. Teria que ser assim de uma maneira ou de outra. Conforme-se e parta para outra. Você sabe o que deve fazer. Ela não sabia. Mas isto foi em dezembro. No dia certo vestiu seu uniforme e foi para a reunião da Patrulha da Esperança. Quando ela terminou já tinha decidido o seu destino. Não havia volta. Seus pais não foram contra. Gostava deles. Sempre a apoiaram.

Desde o primeiro dia no Convento ela se sentia bem. Como escoteira adorava o por do sol. Muitas vezes também o nascer do sol. O poente e o nascente. Olhava ele admirada. Via Deus ali, seu coração enchia-se de júbilo. O Convento ficava próximo à cidade de Monte Alegre. Da janela do seu quarto via a montanha à longe. Ela sentia uma nostalgia. Vontade de colocar uma mochila, pegar uma bandeira e partir. Partir? Para onde? Ela ria. O tempo não volta atrás. E nem podia. As brumas do tempo são feitas só para lembrar.

O tempo passou. Seus setenta e quatro anos fora festejado com uma missa rezada pelo Prior. Achou linda a missa. No altar notou alguém ao seu lado. Ela sorria. Não era possível. Era Verônica! Sorriu para ela, e ela lhe deu o Sempre Alerta. Em pose de escoteira. Ela estava de joelho se levantou e disse: Sempre Alerta Verônica! Todos ali presentes se espantaram. O Prior olhou-a de soslaio procurando. Claro não viu ninguém. Sorriu para Verônica. Ela lhe deu um até logo e lhe desejou mil felicidades. – Eu espero você lá. Você sabe onde! E partiu.

Todos os anos não importavam se com chuva ou sol, Verônica aparecia. Fazia o mesmo. Sempre Alerta e feliz aniversário. Agora ninguém mais se espantava. O Prior sorria. A multidão cada dia aumentava. Aprendeu a conviver com isso. Seu amor por Jesus se espalhou por todos que participavam da multidão. Não fazia gestos. Mas sempre alguns dizendo que voltaram a enxergar, a andar e diziam sentir-se curado de suas doenças. Não eram todos. Alguns não conseguiram. Desígnio de Deus. Destino. Coisas de vida passada.

Seus milagres correram mundo. Monte Alegre cresceu com a vinda de turistas e daqueles que queriam se curar. A imprensa não dava trégua. Todos querendo uma entrevista. Orientada pelo Prior aprendeu a conviver com isso. Por mais que tentassem sempre respondia que ela não fazia nada. Não era ela, se fosse verdade era a mão de Deus. Só ele pode curar. Agora estava difícil sair do convento. Deixou de lecionar. Uma multidão sempre a seguia. No mês de dezembro quando saía para viajar a Rio Verde para a reunião da Patrulha da Esperança, tinha que sair escondida.

Até em Rio Verde sua fama tinha alcançado a ponto de não poder andar em sua cidade onde nasceu. Sempre quando lá estava uma multidão se formava em frente sua casa. Sempre chegou cedo para estar com sua mãe que ainda vivia. Beirando os noventa anos, adorava sua visita. Dizia que ela dava força a ela. Lídia uma jovem que ajudava, sempre estava com ela. Seu pai havia morrido há muitos anos. Estivera em seu enterro. Não chorou. Ela o viu sorrindo perto da sua mãe. Disse-lhe por sinais que estava ali. Ela sorriu e fez o mesmo. Sua mãe me perguntou o que era. Explicou. Ela sorriu.

O incrível aconteceu. Ao ir a Igreja das Mercês, em uma missa das seis da tarde, Almerindo estava de pé, com os outros estupradores na porta da igreja. Ajoelharam-se. Almerindo falou chorando. - Madre Sabrina me perdoe. Eu fui um satanás. Nunca mais dormi tranquilo. Minha vida se tornou um inferno. Foi até ele, colocou a mão em sua cabeça e o abençoou. Ele ficou em pé e a abraçou soluçando. Nunca teve ódio por ele. A dor que sentia antes agora se transformava em compaixão. Ele com os amigos a acompanharam até a igreja. Naquele dia ela ficou cheia. Todos queriam vê-la.

O Prior disse que ela devia viajar na metade do mês de dezembro. O Papa queria que ela passasse o natal no Vaticano. Era seu sonho. Sempre sonhara em ir várias vezes. Pensava como seria a Basílica de São Pedro, os Jardins do Vaticano, a Praça de São Pedro onde diariamente se reúne milhares de fieis. Já pensou? Conhecer a Capela Sistina? Ver o que Michelangelo, o artista do Renascimento Italiano e seus pincéis fantásticos fizeram? E conhecer o Museu do Vaticano, a Biblioteca Vaticana e o Palácio Apostólico? Seria um sonho completo nunca imaginado. Claro, ela não deixaria de visitar o Castel Gandolfo, as Basílicas maiores de Santa Maria Maior, São João de Latrão e São Palo Extramuros.

O que? Dezembro Prior? Perguntou. Sim, recebi hoje uma carta de Roma. Pensou bem e claro, sabia que não podia ir. Ele lembrou-se de tudo que ela contou quando iniciou sua entrada no convento. Ele ficou perplexo. - Olhe disse - Suas amigas irão entender. Elas saberão que é um pedido do Papa. Afinal é uma honra não acha? - Claro que sim, mas não podia ir. Ele se assustou.

Vai mesmo negar o pedido do Papa? Ela disse que sim. Vou escrever a ele. Vou explicar tudo. Ele vai saber da sua promessa e do seu juramento. Nunca por motivo nenhum deixaria de participar da reunião da Patrulha da Esperança. Ele sorriu. Entendo. Vou escrever a ele junto com sua carta. Tenho certeza que vai compreender. Mas olhe, não sei quantos milhares de Freiras dariam tudo para estar em seu lugar.

Ela estava de frente ao espelho. Sexta feira. Dia dezoito de dezembro. Dia da Reunião da Patrulha da Esperança. Viu que as rugas aumentaram. Elas aumentavam a cada ano. Não se importava. Não era mais aquela que se preocupava com a aparência. Tirou seu uniforme do armário. Tinha ordens do prior para usá-lo naquela ocasião. Ele sabia disso desde que entrou para o convento. Olhou a blusa, nova ainda, a saia agora um pouco mais comprida do que era antes (risos). O meião em perfeito estado. O cinto brilhando. O couro perfeito. O lenço ela fazia questão de dobrar a moda escoteira. Sempre fez isso desde que o chefe Luciano as ensinou quando iniciaram na Patrulha da Esperança.

Pegou o ônibus das cinco. Eram menos de três horas de viagem. Daria tempo de passar em casa de sua mãe (agora não falava mais). Ainda andava mesmo claudicando. Estava de uniforme. Claro. Orgulhava-se dele. Sempre se orgulhou. Fazia questão de que todos a vissem. A Madre Superiora é escoteira? Sou sim dizia. Com muito orgulho. Sua mãe como sempre sorria. Vizinhos acorriam querendo a tocar. Sempre fora assim todos os anos. Onze da noite, onze e vinte, onze e quarenta. Hora de ir. Menos de quinze minutos até a sede.

Todos aqueles anos, esta era à hora mais importante de sua vida, quando entrava no salão da sede, ela imaginava se não existia muito mais que este céu estrelado depois da vida. Sabrina sabia que sim. Encontrou alguns transeuntes. Não a reconheceram. Melhor, não podia parar. O tempo estava marcado. Sabia que devia chegar na hora. Nem um minuto mais nem um minuto menos. Era um espetáculo a parte a chegada das cinco. Todas chegando à mesma hora. Um sorriso, abraços, aperto de mão esquerda. Forte. Como haviam aprendido. Afinal não se dizia que só os valentes entre os valentes se saúdam com a mão esquerda?

**Tenha felicidade bastante para fazê-la doce.
Dificuldades para fazê-la forte.
Tristeza para fazê-la humana.
E esperança suficiente para fazê-la feliz.**

EM ALGUM LUGAR DO PASSADO - CAPÍTULO X

Era um dia de festa no Grupo Escoteiro. Chefe Luciano estava recebendo sua Insígnia da Madeira. Seu sorriso era contagiante. O primeiro do grupo a conseguir. Eu sempre gostei do chefe Luciano. Sentia-me protegida com ele. Se não tivesse um pai maravilhoso como o meu ele seria meu segundo pai. Fizemos uma canção para ele. Milena cantava com sua voz de ouro. Pedrinho acompanhava no violão. Toda a patrulha participou. Milena fez questão de nos treinar muito. Ficamos horas e horas em casa de Gloria. Até a mãe dela e o pai aprenderam.

A canção dizia mais ou menos assim, “Eu sei que um dia você vai voltar a Giwell, pois você sabe que lá é o lugar de aprender. À noite, vais olhar as estrelas e elas lhe mostraram a face de Baden Powell. Seu coração irá encher de alegria. Viver o escotismo você vive e sabe que nossos corações estão com você. Volte sempre a Giwell. Traga para nós seu saber. Nós te amamos chefe Luciano”. Ele não agüentou quando cantávamos e chorou. Foi aplaudido por todo o grupo. Já éramos mais de cento e vinte jovens.

No ano seguinte Chefe Luciano foi embora. Seus pais moravam em outro estado e precisavam dele para tocar algumas fábricas que possuíam. Chefe Luciano era o único homem da família. Todos nós fomos à estação despedir dele. Interessante. A estação estava cheia, a cidade em peso foi também. Ele dentro do vagão chegou à janela e disse – Eu voltarei sempre. Sabem que amo vocês. Nunca na minha vida irei esquecer os momentos felizes que ficamos juntos. O trem partiu. Nós da Patrulha da Esperança corremos junto ao vagão que ele estava. Mas o trem foi mais rápido. Um apito alto e o trem sumiu com ele na curva do destino.

Quando passamos para a tropa de guias não me entusiasmei muito. Pensei até em sair do grupo. Mas não o fiz. Amava minha patrulha. Nunca iria abandoná-la. Quando participamos de uma excursão longa, de mais de quinze dias de duração, vibrei com tudo. Fomos nós e a Patrulha Rios do Sul. Chefe Romeu também foi. Ficamos mais de um ano fazendo de tudo para termos

o valor necessário para a viagem. Milena tomou coragem e participou de um concurso na radio Cidade Nova e ganhou. Doou tudo para a patrulha.

Fizemos uma quermesse na sede. Uma barraca de pescaria, uma barraca da bola de pano e nossas mães fizeram salgadinhos e doces. Os Ventos do Sul também fizeram o mesmo. Com um mimeógrafo velho do Sr. Antonino tiramos cópias e pedimos a todos os jovens do grupo que levassem aos seus pais. Não foi uma grande presença, mas a quermesse deu resultado. Agora faltava pouco. Ainda tínhamos seis meses para conseguir o resto. Conseguimos com um trabalho que o prefeito da cidade relutou em dar para nós. Manter duas praças limpas por três meses. Pagou a cada uma dois salários mínimos por três meses.

Valeu. Já tínhamos tudo que precisávamos. Emprestamos a juros módico o que sobrou para a patrulha esperança (nunca nos devolveram. Risos). As férias de julho chegaram e com ela a data da partida. Rumo? Belém do Pará. Longe, muito longe. Mais longe ainda era o final da jornada. Manaus. Uma aventura. Quatro dias de viagem de ônibus até Belém. Depois mais quatro até Manaus de barco. Nos dois primeiros dias tudo era festa. Depois o corpo doía. O sol quente e mesmo o ar entrando pelas janelas o calor era insuportável. Tiramos o lenço e ficamos com a camiseta do grupo. Em todas as paradas onde dava tempo, corríamos até a toailete e tomávamos um banho.

Finalmente chegamos a Belém. Uma linda cidade. Eu não esperava tanto. Amei tudo que vi. Andamos pela cidade e no primeiro dia já que embarcaríamos somente no segundo fomos pela manhã ao Mercado ver-o-peso. Lá tomamos suco de cupuaçu, comemos açaí com camarão. Uma delícia. À tarde o chefe nos levou a Estação das Docas. Uma beleza. Pessoas se apresentando e cantando musicas nordestinas. Ainda aproveitamos para ir até a Praça da República. Linda a praça, mais linda ainda ficou quando encontramos lá vários escoteiros e escoteiras, em um grande jogo. Pararam para nos cumprimentar.

No dia seguinte, uma quarta feira, lá pelas nove da manhã, embarcamos para Manaus no Barco Catamarã. Compramos as passagens mais baratas. Íamos dormir nas redes. O barco alugava. Achamos lindo dormir nas redes. Isto no primeiro dia. Não era fácil. As costas doíam horrivelmente. Não dava para virar de lado. A noite uma brisa fria cortava a rede por baixo. No segundo dia foi mais fácil. O sono era grande. Mas acreditem a viagem era linda. A floresta tomava conta das margens e várias vezes ao dia cruzávamos com outros barcos. Era uma festa. O apito de cada barco fazia um barulho tremendo.

O rio Amazonas era belo. Tinha visto filmes e fotos. Mas ali no Convés, era um espetáculo imenso. Acordava cedo. Adorava ver o sol nascer. Algumas vezes de um laranja forte, diferente de tudo que tinha visto antes. O barco ali era o principal meio de transporte dos moradores da floresta. A vida da

população regional só usava esse tipo de embarcação. Não havia estradas e muitas vezes nem aeroporto. Sabíamos que o principal porto da região era em Manaus. Os principais pontos partiam de lá. As viagens, dependendo das cidades duram vários dias e costumam ser animadas com festas ao som de música ao vivo.

Um pequeno conjunto de músicas folclóricas tocavam todas as noites no convés. Milena fez amizade com todos eles. Ela ficava horas cantando. Os embarcados adoravam a voz de Milena. Mas tudo que é bom dura pouco. No domingo pela manhã chegamos a Manaus. Um verdadeiro espetáculo. Centenas ou milhares de barcos cruzavam de norte a sul e muitos “apoitados” aqui e ali. Chefe Cabral estava a nossa espera. Já sabia de nossa chegada. Ele e o chefe Romeu eram conhecidos de longa data.

Fizeram um curso junto em São Paulo. Encontraram-se outras vezes em atividades nacionais. Um chefe simpático. Estava acompanhado de duas guias e dois seniores. Todos eles impecavelmente uniformizados. Levaram-nos para a sede do Grupo Escoteiro. Bem central. Havia um local onde recebiam visitantes. Duas construções rústicas, com quartos e banheiro. Havia também vários colchonetes. Ao chegarmos ao Grupo Escoteiro, uma festa. Centenas de meninos nos esperavam. Convidaram-nos para uma cerimônia de bandeira. Disseram que enquanto estivéssemos lá ficaria hasteada. Tinham holofotes especiais.

Muito divertido todos os dias que passamos em Manaus. Linda e Isabel as guias, Marquinhos e Leo os seniores nos acompanharam em vários lugares. Fomos a Presidente Figueiredo, uma linda cachoeira e em volta a floresta amazônica. O porto flutuante ficava a margem esquerda do Rio Negro. Projetado por ingleses no passado, possuía um cais fixo e vários flutuantes. Um belo espetáculo. Mas o que marcou mais foi no Encontro das Águas. O fenômeno é resultado da junção das águas escuras do Rio Negro com as águas barrentas do Solimões.

Olhem. Eu nunca pensei que pudesse fazer essa viagem. Marcou e marcou mais quando os Seniores e as Guias nos convidaram para visitar a Aldeia Água Bonita. Mais de 200 índios vivendo harmoniosamente. Vivem do artesanato, venda de sementes e danças. Os temas indígenas sempre me atraíram. Foi lá que fizemos nosso juramento. Os índios apresentaram uma dança folclórica e todos nos adoramos. Ao terminar, uma lua enorme apareceu por detrás da floresta. Marquinhos convidou a todos nós entrar na floresta e ir até o Vale das Mil Faces.

Um local maravilhoso. Bem perto da aldeia. Andamos por uns dois quilômetros dentro da mata e chegamos ao sopé de uma montanha com uma vista sem igual. A lua cheia com seu esplendor fazia com que a vista alcançasse a floresta de uma maneira esplêndida! Ficamos ali maravilhados. Olhando

aquela vista maravilhosa. Meus olhos encheram-se de lágrimas. Alcione, Gloria, Laura, Verônica e eu chorávamos a cântaros. Demos as mãos, nos abraçamos e Alcione nos convidou para fazer um juramento de sangue.

Cortamos um pouco acima do pulso direito de cada uma com a ponta da faca que usávamos. O sangue saía calmamente. Cada uma misturou seu sangue na outra. Nos abraços e demos nosso grito. Olhamos para o alto e juramos que nunca mais iríamos nos separar. Gloria emendou e disse – Uma semana antes do natal, não importa o dia ou onde estivéssemos as onze e cinqüenta e cinco da noite encontraríamos na porta da sede. Lá dentro iríamos jurar novamente. Muita coisa mudou quando entrávamos na sede. Um segredo que prometemos levar para o tumulo.

Quando passamos para o Clã como pioneiras, cumprimos nosso primeiro ano da reunião da Patrulha da Esperança. Ela continuou e nunca mais foi esquecida por nenhum de nós. Os seniores e as guias de Manaus nos olhavam de olhos abertos sem entender nada. Perguntaram-nos se era algum ritual que fazíamos sempre. Rimos. Não nada disso. Foi espontâneo. Estamos juntas ha muitos anos. Sempre com a mesma patrulha. Um amor eterno. Difícil de entender para quem não é escoteira.

Foi uma viagem que marcou. Ficou na historia da Patrulha da Esperança para sempre. Quando acampávamos, quando o Fogo de Conselho terminava, sentávamos todas nos e deitadas na relva, lembrávamo-nos de tudo principalmente do Vale das Mil Faces. Sabíamos que nunca mais iríamos esquecer. Uma noite choramos. Uma tristeza enorme. Verônica tinha ido a capital fazer exames. Sentia dores no peito. Ficou lá quase dois meses. Voltou sorrindo. Disse que estava boa. Não acreditamos.

Passei para pioneira. Um dia Verônica não apareceu na reunião. Uma reunião seca. Sem graça. Sem Verônica nada tinha graça. Já sabia que Laura ia se casar e partir para o Rio Grande do Sul. Breve Alcione e Glória também. Um nó se formava em minha garganta. Agora Verônica não veio. Terminou a reunião e fomos a casa dela. Não estava. Tinha embarcado de manhã para São Paulo. Tentariam uma operação impossível. Câncer no útero.

Fomos todas nos para o coreto da praça. Ali ficamos até nossos pais nos procurarem. Não conversamos. Sentadas olhávamos para o céu e pedíamos a Deus por Verônica. Não adiantou. Verônica morreu três meses depois. Não agüentei quando do seu enterro. Nenhuma de nos agüentou. Mas os pais de Verônica não choravam. Vieram até nos e nos abraçaram. A mãe nos disse que não devíamos chorar. Verônica não iria gostar. Onde ela estava, estava feliz. Muito. Queria que torcêssemos por ela.

O que é a vida. O que é uma amizade. Lembrei-me de Fernando Sabino. Ele dizia que o valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na

intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis. Verônica foi assim. Mas não era fácil para nós. Fora uma amizade incrível. Sabíamos do seu valor. E ele aumentou mais ainda quando a perdemos. Sabia que a amizade desenvolve a felicidade e até reduz o sofrimento. Ela poderia duplicar a nossa alegria e dividindo a nossa dor.

**Estrelinhas...
Doces, sensíveis, frias, ternurentas...
Mas sempre presentes em qualquer parte
as donas da Amizade...**

EM ALGUM LUGAR DO PASSADO E DO PRESENTE -

CAPÍTULO XI

Difícil falar de Verônica. Vários escritos sobre ela foram encontrados nos livros da patrulha. Eram mais de vinte. Histórias fantásticas ali escritas. Quanto mais líamos mais nos emocionávamos. Nas atas que Verônica escreveu vimos como sentia todo seu amor pelo escotismo. Alcione, Gloria, Laura, Milene e Sabrina só a conheciam na Patrulha da Esperança. Contaram pouca coisa. Não dormiu quando fez a Promessa Escoteira.

Era uma sonhadora. Fazia planos. Muitos. Dava idéias e planejava quase todas as atividades da patrulha e da tropa. Nota-se que sua letra era arredondada. Muito bonita. Disseram uma vez que quando a letra é posicionada na vertical, a pessoa era uma pensadora. São lógicas, analíticas e acreditam na lealdade. Pensa antes de falar, e muito mais para agir. Era uma rocha durante as crises. Era assim a letra de Verônica. Procuramos sua mãe. Ela tinha um rosto angelical mesmo com seus 90 anos bem vividos. Nada parecia uma senhora com aquela idade. Falou muito de Verônica. Acreditamos em tudo.

Desde pequena gostava de ajudar os outros. Foi crescendo e pedindo a mãe pacotes de arroz, de macarrão, lata de óleo e levava até a casa de dona Etelvina. Ela não tinha marido. Uma penca de filhos. Lavava roupa, mas

ultimamente andava muito mal. Tentava a todo custo fazer uns exames que o medico do pronto socorro pediu. Não havia vagas. Disseram a ela que a chamariam. Pediram seu telefone. Ela não tinha. Não sabiam como avisar. Que ela passasse no pronto socorro uma vez por mês. Isto tinha acontecido ha seis meses atrás.

Cada dia ela piorava. Verônica comentou com a Patrulha da Esperança. Todos se condoeram com dona Etelvina. Combinaram de juntas irem até a Prefeitura Municipal. Iam falar com o prefeito. Ninguém ligou para elas. Voltaram no outro dia de uniforme. Disseram para falar com o assistente do secretário de Saúde. Sabiam que ele não resolveria nada. Mesmo assim o procuraram. Explicaram. Dissera que não era fácil conseguir marcar para ela os exames. Ela precisava esperar.

Uma semana depois Dona Etelvina morreu. Verônica ficou inconsolável. Combinou com a Patrulha da Esperança e elas ficaram uma manhã inteira na porta da prefeitura com cartazes, que diziam – Para que Pronto Socorro? Para que Posto de saúde? Dona Etelvina morreu. Quem é o responsável? O prefeito viu aquilo e não gostou. Pediu para elas entrarem em seu gabinete. Pediu desculpas. Não sabia. Demitiu o secretário de saúde. Jurou que nunca mais tal fato aconteceria de novo.

No Grupo Escoteiro não houve reprimendas. Houve sim uma ovação pelo que fizeram. Verônica não deixava de ajudar ninguém. Quando via alguém a pedir ajuda ela estava lá. Claro, a Patrulha da Esperança era um baluarte. Sempre juntas com ela. No bairro do “Vai Quem Quer” não era lugar para meninas. O nome dizia tudo. Mas verônica soube que havia diversas “mulheres da vida” em condições miseráveis e doentes do pulmão. De novo na prefeitura, de novo o prefeito prometendo mundos e fundos. Ela esperou uma semana.

Foi lá com a Patrulha da Esperança em uma terça à tarde. Vazia a rua. Lixo para todo lado. Não viu nada. Perguntou a uma das mulheres se apareceram médicos, serviço de limpeza e nada. Voltaram à prefeitura. O prefeito foi com elas pessoalmente. Levou mais cinco secretários. Deu ordens. Um posto de saúde seria construído naquele terreno e aquela montanha de lixo limpar até o dia seguinte. Mandou que duas assistentes sociais ficassem em trabalho constante junto às mulheres.

Era assim Verônica. De tanto ajudar por diversas vezes a procuravam em sua casa. Sempre duas ou três pessoas. Nunca deixou de ouvir ninguém. Treze anos. Uma menina. Agora uma benfeitora. Verônica amava o escotismo. Amava sua patrulha. Uma preocupação com seus estudos. Eles vinham em primeiro lugar, mas fora da escola sua mente estava voltada para as atividades, acampamentos, excursões, enfim tudo que envolvia a Patrulha da Esperança.

Interessante. Nunca ninguém da patrulha ficou sabendo e se ficou não disseram nada. Verônica tinha visões. Sim, ela via pessoas que já tinham desencarnado. Lemos em um dos seus escritos que deixou no livro da patrulha. A princípio assustou-se. Teve medo. Falou com sua mãe e ela a mandou rezar. Reze, é bom. Vai ver que você não vai ver mais. Mas não adiantou. Agora era mais freqüente. Na rua, na sede, nos acampamentos. Em todos os lugares.

Nenhum deles poderia lhe fazer mal. Mas tinha uns com rostos horrendos. Feios mesmos. Houve uma época que ficou assustada. Uma menina de uniforme de lobinha. Chorava, pedia para ela a levar até sua mãe. Um susto para Verônica. Resolveu falar com a menina. Ela disse seu nome e o nome de sua mãe. Ela deu o telefone. Era de outra cidade. Ela ligou. Na época uma ligação cara. – Sua filha fala comigo sempre. Pede para você não chorar sua falta. Ela precisa crescer mais onde está. Não pode. Está sempre voltada para você.

Um silêncio do outro lado. Alguém pegou o telefone e gritou! – Porque faz isso! Já não basta nossa dor? Foi ela quem pediu – disse Verônica. Falou que estava com a Vovó Dinha. Ela tomava conta dela. Um silêncio e de novo a mãe falava. Meu Deus! Diga que nos ha amamos! Muito! – Ela sabe disso falou Verônica. Disse que vai mandar uma carta. Não sei como. Se for comigo envio para vocês. No dia seguinte Valquíria apareceu de novo. Disse que fora lobinha. Adora sua Alcatéia. Mas um nó na traqueia a matou há um ano.

Pediu a Verônica que escrevesse. Escreveu. Mandou para o endereço que Valquíria deu. Cinco dias depois os pais bateram em sua porta. Olhos marejados de lágrimas. Agradeceram. Verônica os mandou entrar. Explicou a sua mãe o que houve. Valquíria está aqui ela disse. Choro compulsivo da mãe. Ela disse para não chorar. E para vocês tirem tudo de quarto dela e dar de presente para a família do seu Laudivino. As filhas dele irão agradecer. Agora ela não iria usar mais. Ela manda um beijo grande no pescoço da mãe. Era assim que fazia quando viva. E para o Papai um abraço no joelho. Choros de ambos, agora de alegria.

Foram embora agradecendo e beijando a mão de Verônica. Ela não queria. Valquíria nunca mais apareceu. Uma sucessão de casos de pessoas desencarnadas começou. O tempo de Verônica não dava para atender a todos. Uma senhora linda, de cabelos brancos um dia apareceu e disse para ela. - Não se preocupe. Faça o possível. É bom saber que seu tempo na terra está acabando. Você sabia disso quando aceitou voltar. Estaremos aqui para receber você. Não entendeu nada. Não conhecia essa senhora.

Verônica deixou escrito que quando estava junto a Patrulha da Esperança ela esquecia tudo. Não via ninguém. Por isso ela amava a patrulha e as atividades que desenvolviam. Um dia procurou as amigas da patrulha. Disse a elas que breve iria morrer e elas daqui a muitos anos. Nenhuma com menos de

oitenta anos. Só ela iria partir mais cedo. Que elas não se preocupassem. Iria arrumar uma casinha lá no céu e todas iriam morar juntas para sempre. A patrulha riu espantada.

Uma semana antes de ir para o hospital ela procurou Sabrina. Contou a ela que teria menos de dois meses de vida. Que Sabrina não se preocupasse. Estava escrito nas estrelas. Sabrina não se conformou. Pediu que ela não brincasse assim com ela. Verônica riu. Mas tudo aconteceu conforme ela predisse. Ninguém na patrulha se conformou. Ela em sonhos visitou a noite todas as amigas. Pediu para não chorar. - Chorar não é bom, disse em sonhos. Poucas levaram a sério o sonho. Só Sabrina.

O enterro de Verônica foi triste. Não foi assim que ela queria. Muitos chorando. O Grupo Escoteiro em peso. Outros do distrito também. Uma multidão se fez presente. Muitos sabiam que ela era uma vidente. Foram lá para ser abençoados. Verônica já não estava ali. A senhora que apareceu para ela um dia lhe chamou e pediu para acompanhá-la. Verônica viu um rastro de luz. Brancas, azuis, verdes. Entrou no centro do raio e foi transportada para uma cidade linda.

Sabrina a viu quando ela se despediu de todas. Sabrina sorriu. Deixou escrito no livro da patrulha que sabia que Verônica iria partir. Não quis comentar com ninguém. Alcione sempre fora inconsolável com a partida de Verônica. Não se conformava. Todas as outras também não. Só aceitaram quando...

Por isso, fica aqui um pedido deste humilde amigo: não deixes que a vida passe em branco, e que pequenas adversidades sejam a causa de grandes tempestades...

EM ALGUM LUGAR DO PRESENTE - CAPÍTULO XII

A noite não estava escura. Uma pequena lua crescente ajuda a clarear aqui e ali. As estrelas no céu brilhavam. Uma delas se destacava. Poucos na cidade tinham observado. Era uma estrela brilhante, que se movimentava para frente e para trás. Bem maior que as demais. Só a Patrulha da Esperança sabia. Conheciam a estrela. Desde a primeira reunião ela se destacava. Cinquenta e

seis anos haviam se passado. Cinquenta e seis reuniões. Uma vida. Nestes anos todos ninguém faltou. Ninguém. Tempestades, vida difícil, doenças nada as impedia de se reunir.

A pequena praça em frente à sede estava vazia. Claro. Mais de onze da noite. Ninguém se arriscaria nem mesmos os namorados mais tenazes. A praça dos escoteiros sempre trazia boas lembranças para a Patrulha da Esperança. Ali no passado puderam conversar, ali puderam se conhecer. Ali juraram fidelidade eterna. Ali se despediram e ali se encontram todos os anos.

Alcione se aproximava da praça. Andava devagar. Não havia pressa. Ainda tinha alguns minutos. Os olhos brilhando. A saudade batendo, o coração descompassado a espera de um abraço de vários abraços. De matar as saudades. Como era bom esse dia. Não havia para ela maior felicidade. Posicionou-se em frente à sede. Ficou em posição de descansar, olhar fixo na praça. Sempre fora assim todos os anos. Era ela quem recepcionava.

Gloria viu Alcione de longe. Todos os anos era assim. Gloria sorriu. Seu pensamento estava focado nas amigas que iriam chegar. Sabia que ninguém faltaria. Olhou para o céu e viu que a estrela estava lá. Seus passos eram firmes apesar dos seus setenta e seis anos. Todos esses anos ela guardava para si as alegrias de estar junto a todas. Sabia que um dia alguém não viria. Sabia. Verônica já tinha prevenido. Mas ainda tinham alguns anos pela frente.

Laura sorria. Já avistava Alcione em sua pose de monitora, a esperar a Patrulha da Esperança. Olhou para o céu e viu a estrela brilhante. Riu de novo. Não faltaria nunca. Todas nunca faltariam. A dor que sentiu quando chegou a Rio Verde diminuiu. Agora estava sã. O momento mais importante. Um ano sem vê-las. Queria correr, mas se conteve. Não era assim a tradição.

Milena sorria e cantarolava baixinho. Não cantavam a canção da despedida na reunião. Nunca cantaram. Mas agora ela cantava. Bem cedo, sob a estrela brilhante, tornaremos a nos ver. Risos. Ela sabia. Não era assim a letra. Mas a estrela a acompanhava e ela sabia. Sempre a acompanhou. Era como se fosse um bálsamo para as horas difíceis. Avistou Alcione. Sempre impecável em seu uniforme.

O pensamento de Sabrina se misturava. Era sempre assim. Todos os anos ela se debatia com o que via e sua fé na Igreja que pertencia. Não podia ser as duas coisas? Agora essa de milagres. Será que foi escolhida por Jesus? Sabrina olhou para o céu. Lá estava ela. A estrela brilhante. Só dois anos depois soube que ela a acompanhava por toda a vida. Nos dias da reunião da Patrulha da Esperança ela se destacava no céu. Viu Alcione em posição em frente à sede. Acelerou os passos.

Todas chegaram ao mesmo tempo. Onze e cinqüenta e cinco. Em cima da hora. Nem um minuto mais nem um minuto menos. Formaram-se na patrulha. Alcione cumprimentou a todas. Um aperto de mão esquerda forte. Um aperto de mão de verdadeiras escoteiras. Não ouve beijos nem abraços. Assim estava escrito, assim era a tradição. Em forma com Alcione à frente, seguiram até a porta da sede. Ela já estava com a chave. Abriu. Entraram. Alcione fechou novamente a porta. Meia noite em ponto.

Formaram-se em circulo fechado no meio da sala. Escuro. Muito. Sabiam o que iria acontecer. Deixaram um lugar vago. Era o lugar de Verônica. Não estavam lá fora, mas sabiam que a estrela brilhante se aproximava da sede. Uma luz intensa, branca e azulada se fez presente. Verônica estava chegando. Tomou seu lugar. Todas se abraçaram e o circulo fechou. Agora era o Grito da Patrulha. Nunca houve grito. Eram sussurros onde todas diziam – Em amo vocês. Somos uma só. Do mesmo sangue, eu e você! Estaremos juntas para sempre!

Sabiam que nunca ninguém entendeu o grito da Patrulha da Esperança. Muitos perguntaram. Elas sorriam e nada diziam. Segredo respondiam sorrindo. Elas quando fizeram a patrulha não se preocuparam em ser as melhores. Não era importante. Importante era o amor existente. A fidelidade de amigas para sempre. Terminado o tempo determinado para o grito, elas se abraçaram. Logo Alcione as transportou para a Cidade da Esperança.

Uma viagem rápida. Faziam-na todos os anos. Uma cidade linda! Toda florida, todos sorriam, ninguém insatisfeito. Uns tentando ajudar os outros. O amor perfeito. Ali as palavras de Jesus eram uma realidade – Amai-vos uns aos outros como eu vos amei! Foram direto para sua casinha na periferia da cidade. Não andaram muito. Sorriam todas, abraçadas. A casinha era linda! Toda pintada de branco. Um branco que dificilmente alguém na terra podia ver. Flores na porta, uma cerca de madeira também pintada de branco, com pequena altura.

Abriam o pequeno portão, entraram a porta estava aberta. Sempre esteve. Não precisavam fechar. Ninguém ia tirar nada. Não precisavam. Cada uma contava seu ano que passou. Ali as dificuldades se transformavam. Todas sorriam. Uma alegria angelical. Casos e casos foram narrados. Uma água cristalina foi servida por Verônica. Revitalizava. Hora do encontro. Partiram para o Jardim da Esperança.

Todos estavam lá. Todos que moravam na cidade. Naquele dia um homem vestido de branco, com um semblante amigo foi o orador. Falou do amor. Falou da amizade. Falou do trabalho de cada um para crescer espiritualmente. Suas palavras eram lindas. Um bálsamos a dar força em todos os corações. Nada a dever dos grandes oradores do passado. Lagrimas vertiam nos olhos de todos que estavam ali. A Patrulha da Esperança olhava embevecida.

Um coro cantou canções que nunca poderíamos ouvir na terra. Lindas, maravilhosas. O Jardim da Esperança começou a esvaziar. Voltaram para sua casinha. Verônica olhou para Laura e disse. Amiga, você em breve vai ser a primeira a vir morar aqui. Espero que possa receber você neste dia. As demais irão demorar alguns anos. E finalmente já sabem, aqui será nossa morada eterna, ou até quando Jesus achar que sim.

Um clarão maravilhoso aconteceu. Abriram os olhos. Estavam de volta a sede. Sorriram. Verônica disse até breve e se foi. Quem estivesse lá fora veria uma estrela linda, brilhante voando pelo espaço sideral. Não havia tristezas. Saíram da sede. Na porta despedidas. Todas sorrindo. Até breve, diziam. Cada uma foi para o seu destino. Em pouco tempo a sala ficou vazia. No céu coberto de estrelas a mais linda já se fora. Iria voltar dali a exatamente um ano.

Eu poderia suportar, embora não sem dor, que tivessem morrido todos os meus amores... Mas enlouqueceria se morressem todos as minhas amigas!

EM ALGUM LUGAR DO FUTURO - CAPÍTULO FINAL

Seis meses depois Laura partiu. Deixou saudades. Sua família se conformou. Sabia que ela era feliz quando se foi e estava feliz lá no céu.

Um ano mais tarde foi à vez de Alcione. Morreu sorrindo. Deu para beijar e abraçar a todos da sua família. Disse que era apenas um até logo.

Outros seis meses após e foi à vez de Sabrina. O convento a pranteou por dias seguidos. Os milagres não pararam de acontecer. Quem as tardes quando do por do sol fosse à porta do convento, poderia andar ver e falar e até curar o que sentia. Sabrina ainda fazia seus milagres.

Um mês depois da morte de Sabrina, foi à vez de Gloria. Foi à única que sofreu um enfarte fulminante quando ia para sua casa de volta do mercado. Não sentiu nada. As amigas estavam ali a esperando e a ampararam.

Milena morreu em uma tarde de setembro, quando olhava o mar. Ondas enormes pareciam querer levá-la. Milena adorava o mar. Iria sentir

enorme falta. Sabia que poderia vir ao seu encontro quando quisesse. Sentiu uma dor forte no coração, mesmo assim sorriu e cantou uma canção de amor. Amor às pessoas, a todas que conheceu. Os pássaros que estavam ali se deleitaram. As gaivotas bateram suas asas como a dizer adeus...

Há momentos na vida em que sentimos tanto a falta de alguém que o que mais queremos é tirar esta pessoa de nossos sonhos e abraçá-la. Sonhe com aquilo que você quiser. Seja o que você quer ser, porque você possui apenas uma vida e nela só se tem uma chance de fazer aquilo que se quer.

EM ALGUM LUGAR DO PRESENTE - NA CIDADE DA ESPERANÇA

Estavam agora juntas na Cidade da Esperança. Há anos na casinha branca, com flores perfumadas.

Todas ajudavam nos afazeres da cidade. Eram muitos. À noitinha quando podiam sentavam na varanda e olhavam o brilho das estrelas.

Sempre esperavam a vinda de Verônica. Ela não morava com elas. Sabiam que era um espírito superior. Morava em outra esfera do universo.

Verônica dizia que um dia estariam todas juntas ali onde morava. Estudava muito. Fazia o que podia para ajudar todos na terra. Levava sempre Sabrina com ela. Duas almas superiores, mas que ainda não podiam estar juntas.

Assim termina a historia da Patrulha da Esperança. Encontram-se quando crianças. Juntas cresceram no escotismo. Nunca o abandonaram. Amaram sua patrulha como poucas poderiam amar. Como explicar o porquê elas se encontraram eu não sei. Quem pode saber os desígnios de Deus?

Olhando o brilho das estrelas, espalhadas pelo imenso universo, não é possível sequer imaginar e saber o que somos o que fazemos e para onde vamos. A dúvida permanece em muitos.

Não sou um douto. Acredito em outras vidas. Alguém um dia irá nos explicar tudo. Cada dia é um caminho novo. Mas tenho a certeza que nosso caminho é um só. E lá no centro do Universo, Deus em sua suprema bondade vai nos receber de braços abertos!

Sempre Alerta!

Nota – Todos os versos são de autoria de Vinicius de Moraes e Clarice Lispector.

Clarice Lispector.

Há momentos na vida em que sentimos tanto a falta de alguém que o que mais queremos é tirar esta pessoa de nossos sonhos e abraçá-la. Sonhe com aquilo que você quiser. Seja o que você quer ser, porque você possui apenas uma vida e nela só se tem uma chance de fazer aquilo que se quer. Tenha felicidade bastante para fazê-la doce. Dificuldades para fazê-la forte. Tristeza para fazê-la humana. E esperança suficiente para fazê-la feliz. As pessoas mais felizes não têm as melhores coisas. Elas sabem fazer o melhor das oportunidades que aparecem em seus caminhos. A felicidade aparece para aqueles que choram. Para aqueles que se machucam. Para aqueles que buscam e tentam sempre. E para aqueles que reconhecem a importância das pessoas que passam por suas vidas. O futuro mais brilhante é baseado num passado intensamente vivido. Você só terá sucesso na vida quando perdoar os erros e as decepções do passado. A vida é curta, mas as emoções que podemos deixar duram uma eternidade. A vida não é de se brincar porque um belo dia se morre.

FIM

O autor e sua obra

“A Patrulha da Esperança” publicado no início deste ano foi à primeira experiência nesta seara. Nunca escrevi um livro, se podemos chamar tão poucas folhas de livro.

Escrevi e escrevo contos escoteiros e contos romanceados, aventureiros em outra linha. Nenhum dos meus escritos foi publicado a não ser em blogs que mantenho na internet.

Escoteiro desde 1947 fui lobinho, Escoteiro, Sênior, Pioneiro e Escotista de vários Grupos Escoteiros. Tive a oportunidade de vivenciar o escotismo simples quase parecido como faziam os rapazes da Inglaterra antes de Baden Powell (BP) surgir com a organização que se expandiu por todo o mundo.

Atuei por muitos anos como dirigente de uma Região Escoteira, e como membro da Equipe de Adestramento Nacional.

Atualmente terminei de escrever meu segundo livro. “O Comissário Leocádio”. Um retrato fictício dos primórdios escoteiros no Brasil, onde um “matuto” foi escolhido como dirigente, passando maus pedaços até se firmar como um grande Escotista e dirigente, admirado por muitos.

Todos os livros e contos não foram editados. A saga de um pseudo-escritor no início não é fácil. Não é importante esta etapa, importante é o conhecimento e saber que centenas de amigos do movimento ou mesmo fora dele tomaram conhecimento dos meus escritos.

Oswaldo Ferraz, ou melhor, Oswaldo um Escoteiro!

São Paulo, janeiro de 2012.

E-mail. Elioso@terra.com.br